



## Revista de Linguística

Volume VII | n.º 2 | Ano 2018

**Diretores:**

António Leal  
Purificação Silvano

**Editores Juniores:**

Carlos Silva  
Joana Ferreira  
Joana Vieira  
Mariana Ribeiro

**Secretariado Editorial:**

Andreia Pinho  
Beatriz Martins  
Catarina Meireles  
Edna Boliqueime  
Eloísa Bastos  
Laura Figueiredo  
Maria Luís Queirós  
Matilde Marques  
Miguel Correia  
Raquel Araújo  
Renata Rodrigues  
Rute Rebouças  
Violeta Magalhães  
Vitor Pereira

**Comissão Científica:**

Alexandra Pinto  
Ana Maria Brito  
Ângela Carvalho  
Celda Choupina  
Clara Amorim  
Elena Zagar Galvão  
Fátima Oliveira  
Fátima Silva  
Idalina Ferreira  
Isabel Margarida Duarte  
Joana Guimarães  
João Veloso  
José António Costa  
Luís Filipe Cunha  
Maria da Graça Lisboa Castro Pinto  
Rogelio Ponce de León Romeo  
Rui Sousa-Silva  
Sónia Valente Rodrigues  
Thomas Husgen

## FICHA TÉCNICA

*eling<sup>UP</sup>*

Revista Eletrónica dos estudantes de Linguística da Universidade do Porto  
Vol. 7 | n.º 2 | 2018

Periodicidade: Bianaual

Capa: Raquel Araújo

Os artigos publicados estão sujeitos a avaliação científica.

A Revista está registada na OJS.

<http://ojs.letras.up.pt/index.php/elingUP>

## ÍNDICE

### Nota dos Diretores

<b>Entrevista ao Professor Doutor Rodolfo Ilari</b>	<b>1</b>
---	----------

### Artigos

<b>O Lusitano no Indo-Europeu: uma peça fora do puzzle?</b>	<b>10</b>
---	-----------

Carlos Sousa e Silva

<b>Leituras semânticas do Presente do Indicativo em notícias de rádio (oral) e notícias de jornais <i>online</i> (escrito)</b>	<b>23</b>
--	-----------

José Carlos Barbosa

<b>Tradições e mudanças discursivas de cartas epistolares</b>	<b>45</b>
---	-----------

Raquel Araújo

<b>“Eu tenho orgulho (...)”: Uma análise multimodal do depoimento de Lula na Lava Jato</b>	<b>60</b>
--	-----------

Viviane Costa

## Nota dos Diretores

O número 2 do volume de 2018 inaugura uma nova etapa para a revista *elingUP*, que deixa de ser anual para passar a semestral. Esta mudança de periodicidade resulta essencialmente do elevado número de submissões que temos recebido nos últimos três anos, evidência não só do crescente interesse dos estudantes pela investigação em Linguística, como também do empenho e do entusiasmo de toda a equipa da comissão editorial.

Neste volume, propomos a leitura de uma entrevista e quatro artigos, que se inscrevem em disciplinas diferentes da Linguística e que são escritos por estudantes dos três ciclos de ensino.

O entrevistado é o Professor Doutor Rodolfo Ilari, semanticista brasileiro de renome, que muito tem contribuído para o conhecimento sobre a língua portuguesa e também sobre o ensino da língua.

O primeiro artigo, “O Lusitano no Indo-Europeu: uma peça fora do puzzle?”, de Carlos Sousa e Silva, discute as diferentes propostas de enquadramento do lusitano na família indo-europeia que a ligam ao ramo céltico, mostrando que nenhuma delas é satisfatória, e argumenta a favor da inclusão do lusitano num contínuo dialetal. O artigo “Leituras semânticas do Presente do Indicativo em notícias de rádio (oral) e notícias de jornais *online* (escrito)”, de José Carlos Barbosa, tem como objetivos contribuir para a caracterização semântica do Presente do Indicativo e verificar se há diferenças no uso deste tempo dentro do género jornalístico nos registos oral e escrito. O terceiro artigo, de Raquel Araújo, intitula-se “Tradições e mudanças discursivas de cartas epistolares” e pretende analisar as diferentes tradições discursivas em textos epistolares do português moderno, descrevendo as formas de evolução da língua. O último artigo deste volume, “Eu tenho orgulho (...)”: uma análise multimodal do depoimento de Lula na Lava Jato”, de Viviane Costa, analisa a relação entre gestos e fala no processo de construção da linha de conduta e da preservação da *face* em encontros sociais, usando como corpus a declaração final feita pelo ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, no âmbito da investigação Lava Jato.

Como se pode observar pela breve descrição do seu conteúdo, este volume traz ao leitor, mais uma vez, estudos variados desenvolvidos por jovens investigadores, movidos pela vontade de conhecer melhor a língua, um objeto de estudo tão complexo, mas, simultaneamente, tão aliciante.

Purificação Silvano e António Leal

## Entrevista ao Professor Doutor Rodolfo Ilari

O Professor Doutor Rodolfo Ilari é doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas e professor catedrático jubilado da mesma universidade, tendo recebido em 2015 o título de professor. É membro-fundador do Departamento de Linguística da Universidade Estadual de Campinas.

O seu trabalho de investigação inclui trabalhos nas áreas da Semântica, da Pragmática e da Didática da língua materna. Publicou diversos livros, alguns sobre o ensino de Linguística, e organizou os volumes III e IV da *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Entre os seus trabalhos, está o capítulo “O português no contexto das línguas românicas”, da *Gramática do Português*, publicada em 2013 pela Fundação Calouste Gulbenkian.



A vontade de conhecer melhor o seu percurso e a sua perspetiva sobre diversos assuntos relacionados com o ensino e a investigação em Linguística esteve na origem desta entrevista, realizada no Centro de Linguística da Universidade do Porto, no dia 7 de junho de 2017. O resultado da entrevista foi uma conversa muito instrutiva, que convidamos todos a ler.

*Boa tarde, Senhor Professor. Queríamos agradecer, mais uma vez, ter aceitado o nosso convite. Desde cedo começou a interessar-se pela Linguística. O facto de ter aprendido português como língua não materna contribuiu para que começasse a refletir sobre questões linguísticas ou houve influência de outros fatores?*

Tudo tomou forma, digamos assim, na tradução. Eu sou do tempo em que não se ensinavam línguas estrangeiras via fala. O professor ensinava um monte de palavras. Me lembro, principalmente, das aulas de francês: você aprendia a pronunciar o /ə/, que para nós não era difícil, e o professor dava um monte de palavras francesas com /ə/. Escrevia todas aquelas palavras e a gente tinha que pronunciá-las e dizer o que significavam. Ao mesmo tempo havia as aulas de latim. Nas aulas de latim, era inevitável que tivéssemos de traduzir um bom texto todos os dias. Eu traduzia latim-italiano, italiano-latim e desde o começo que gostei muito daquilo. Não gostava de estudar as declinações, mas achava muito interessante

fazer com que, via sintaxe, tudo encontrasse explicação. Voltando um pouco atrás, eu fui para o Brasil com quinze anos, acabei a universidade com dezoito e, então, tive dois anos de aprendizagem de português. Tive a sorte de ter bons professores e, apesar de nunca ter pensado em ser professor de latim, pensei em ser professor de italiano e, mais tarde, de francês. Acabei por ser convidado para ser assistente de italiano, o que era, no fundo, um sonho antigo. Tive um contrato durante dois anos na Universidade de São Paulo e, mais tarde, apareceu um convite para ser professor de Linguística na Unicamp. Fui para Campinas e fiquei lá quarenta e sete anos. Começámos num departamento novo - éramos quatro rapazes novos e estávamos numa casa que construíamos do nosso jeito. Era uma coisa que sentíamos que era muito nossa e acho que foi por isso que eu me tornei professor em Linguística. O facto de eu gostar de línguas antes de aprender o português me ajudou a aprendê-lo com muita rapidez. Em um ano e meio eu falava, ainda que com um sotaque miserável e que não saía nunca. O sotaque se manifestava, principalmente, quando eu estava cansado. Há sempre algumas coisas da pronúncia que escapam, como, por exemplo, não nasalizar. Então, em situações de cansaço, eu começava a cantar!

*Apesar de ter trabalhado em diferentes áreas da Linguística dedicou-se, sobretudo, à Semântica. Porquê essa escolha?*

Tem tudo a ver com a tradução. Quando você traduz, você tem que achar a palavra certa e dizer coisas que façam sentido. Aconteceu que, entre os quatro rapazes que formaram o nosso grupo, havia um rapaz mais velho que tinha sido perseguido pelos militares e resolveu estudar Linguística porque gostava muito da linguagem e, sobretudo, de Sintaxe. Tinha uma capacidade para a matemática muito grande. Era um terror porque nós morávamos na mesma cidade, perto de Campinas, e durante um ano subíamos no ônibus e ele queria sempre jogar xadrez comigo, mas sem tabuleiro! Ele se sentava do outro lado e dizia “A7 bispo” e eu fazia um esforço muito grande para acompanhar, mas não conseguia. Ele tinha uma enorme capacidade de abstração e isso levaria, naturalmente, para a Sintaxe daquela época, que era a Sintaxe Chomskyana. Havia outro que gostava muito de Retórica e da Semântica de Ducrot. Tinha feito, inclusive, um curso de Semântica com Ducrot em França e procurava uma Semântica ligada à maneira como as pessoas se manipulam umas às outras. No entanto, eu descobri que havia outro tipo de Semântica - mais voltada para a maneira como as frases significam independentemente do uso que se faz delas. Me interessei por essa Semântica com características mais formais e, de certo modo, tive a sensação de que eu tinha a obrigação de levar adiante esse projeto. Em 1981, tive uma bolsa para ir para os

Estados Unidos, onde fiquei um ano e meio, e fui parar a uma universidade onde estavam pessoas como George Lakoff. George Lakoff tinha passado por essa fase de Semântica Formal, mas queria já nessa altura uma Semântica mais livre. Então estimulava as pessoas a aparecer com assuntos diferentes e foi, ele próprio, atrás de assuntos diferentes. Quanto a mim, não é que eu acredite num só tipo de Semântica. Acho mesmo que vários tipos de Semântica são bons e se completam.

*O Senhor Professor tem coordenado edições do projeto da Gramática do Português Falado, que tem procurado descrever os aspetos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos do oral. Como é coordenar projetos desta dimensão?*

Existe um professor do projeto da Unicamp com muita visibilidade, que é o Professor Ataliba Castilho - uma pessoa muito inquieta, com muita capacidade de reunir gente para trabalhar e com grande capacidade de fazer com que essa gente produza e se sinta bem produzindo, inclusive abandonando as outras coisas que estavam fazendo antes. O Ataliba inventou esse projeto da *Gramática do Português Falado* na década de 60 e muitas pessoas que hoje ainda são professoras participaram nesse projeto como estudantes. Na década de 80, o *Português Falado* tinha 500 horas gravadas a necessitar de transcrição. Chegado esse ponto, Ataliba refletiu sobre o que fazer com esse material e passou para uma outra ideia: mostrar o que é uma boa amostra de língua falada. Em português, ou mesmo nas outras línguas românicas, é muito raro falar sobre a língua falada. Como é que as pessoas falam, afinal? Esse projeto teve uma fase de entusiasmo durante 10/15 anos e, de repente, por volta de 2000, o projeto esmoreceu. Sendo assim, o Ataliba teve outra ideia e foi nessa fase que integrei uma equipa. Atualmente, o que eu estou tentando fazer é que se anotem coisas que sejam úteis no futuro para desenvolver um estudo sistemático sobre a evolução semântica do Português do Brasil (PB). Eu não quero que se faça só um estudo sobre o léxico. Estudar só o léxico é realmente interessante, mas já tem gente que o está fazendo e o está fazendo do ponto de vista histórico: em que ano entrou determinada palavra, por exemplo. Eu gostaria que se estudasse também a mudança de sentido das construções gramaticais, como, por exemplo, do passado composto. Se você pegar os jornais de 1920/1930, metade dos valores para o passado composto são de passado recente e aos poucos você vê uma tendência para a repetição. Há pessoas interessadas em estudar este fenómeno, mas há muito pouco material e o problema tem sido aproveitar o pouco material que existe da melhor maneira possível. Outro exemplo é o conjunto de palavras *só+que*, que no PB vira conjunção. É equivalente ao *mas* e é um *mas* que se está generalizando. No entanto, a conjunção é na realidade apenas o

só. Então, nós estamos fazendo a história dos mapas do PB, da mudança do PB. Nós estamos fazendo aquele desenho que contém números e depois o leitor vai ter que traçar os números, fazendo a forma do cavalo. Eu acho que o leitor que vai comprar um livro com o título *A história semântica do Português do Brasil* vai perceber que há coisas novas para serem encontradas. É bom investir também nessas coisas novas.

*O Senhor Professor publicou, em 2006, com o Professor Renato Basso, o livro O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos. Em que medida há diferenças entre a língua que é falada e a descrição que é feita dessa língua? Considera, tal como alguns linguistas brasileiros afirmam, que existem duas normas do PB?*

Aí é uma outra faceta completamente diferente. Como falei para vocês, eu comecei pensando ser professor de francês. Nessa época, o pessoal do francês nos dizia que a linguística era muito útil. Por exemplo, tinha uma ideia de que você tem de estudar muita fonética contrastiva. Eu tive uma professora que perguntava se tinha dificuldade em pronunciar, porque em francês /e/ é fonémico e /ə/ é fonológico. Em português não temos isso e os franceses têm dificuldade em pronunciar palavras como *cana* porque para eles a nasal não é fonológica no mesmo sentido. E nesse ponto, começamos a dizer “que bom, eu tenho pontos na linguística que ajudam”.

Mais tarde, apareceu a Sociolinguística dizendo que no Brasil as pessoas são muito discriminadas relativamente à fala. Então, começamos a aperceber-nos de que uma das funções da Linguística é combater a discriminação que ainda hoje é muito forte. No Brasil, eu vivi numa cidade que tinha cerca de 70/80 mil habitantes, dois cinemas e um gabinete de leitura que era não muito grande. Nesse mesmo gabinete, tinha ainda um piano que vivia desafinado. Portanto, não tinha o que fazer naquela cidade. Não havendo o que fazer, a gente assistia ou ouvia pela rádio as reuniões da Câmara Municipal, nas quais havia um vereador que era operário. Um dia alguém disse para ele: “você diz *nóis* diz, *nóis* fala, *nóis* sabe, *nóis* quer. Antes de ser vereador, você deveria aprender a falar Português, porque aqui é uma Câmara Municipal e é para ter respeito. Gente como você não deveria ser aceite aqui.” Esse vereador respondeu simplesmente o seguinte: “Quando *nóis* diz que *nóis* faz, *nóis* faz. Quando vocês dizem que vocês fazem, vocês não fazem nada.” Tudo isto para dizer, simplesmente, que existem dois níveis de fala (um deles muito discriminado). Vou contar mais um caso sobre esse preconceito. Eu tinha um amigo que estava a estudar para médico, conheci-o no colegial. Esse meu amigo tinha uma tia que morreu e, como era sozinha, deixou umas posses aos herdeiros que eram basicamente sobrinhos mais velhos que o meu amigo. Mas aí começou

uma grande discussão sobre o que a tia queria que fizessem com as posses dela. E para saber, fizeram, então, uma sessão espírita para chamar a tia. Um dos participantes não acreditou ter falado com a tia, alegando que ela falava muito bem Português e não dizia “tá”, mas sim, “está”. A esse argumento, outra pessoa respondeu que não se sabia se a tia estava no inferno ou no céu, e que talvez no inferno o seu castigo pudesse ser passar a dizer “tá”. Há ainda muito preconceito e a nossa obrigação é ensinar as pessoas a não julgar os outros em função desse preconceito, não ficar pelo estereótipo. Eu e o Renato tentámos lutar contra esse problema ao fazer esse livro. A ideia era dar uma quantidade de informação que não se dá na universidade e ter uma parte final que retratasse bem o preconceito. Eu não sou sociolinguista, nunca trabalhei nessa área, mas algumas ideias são muito claras e nós fizemos o livro com informações que vêm desde a origem do Português, passando pela sua propagação no Brasil.

*Sendo o PB e o Português Europeu (PE) duas variedades da mesma língua com as suas semelhanças e diferenças, em que medida o Professor considera importante os linguistas colaborarem para aprofundarem o conhecimento sobre a Língua Portuguesa?*

Em primeiro lugar, olhar uns para os outros, trocar ideias, conviver, se for possível, e não partir do princípio de que uma das duas variedades tem de ser *a variedade*. Por exemplo, em 2007, eu fui parar à Suécia. Eles tinham um curso de Linguística, mas depois eu vi que não se tratava nada disso. Se tratava de ensinar português como segunda língua, que é uma coisa para a qual eu não tinha nenhum preparo específico. Eu fiz o que pude, alguns alunos aprenderam alguma coisa, eu aprendi muito. Finalmente, eu saí quando chegou a idade da minha aposentadoria pelo sistema sueco. Quando voltei ao Brasil, uma das primeiras coisas que encontrei lá era um termo que os alunos deviam assinar ao entrar no curso em português: se eles queriam aprender português do Brasil ou português de Portugal. E eu disse: “Isto aqui acabou”. Foi das poucas decisões que eu tomei. Se uma pessoa sabe falar português do Brasil, pode ter um pouco de dificuldade para entender português de Portugal, mas é uma dificuldade que, com a convivência, se supera e vice-versa. A ideia tem que ser de superar e não de separar. Isso vale tanto nesse nível da Universidade como no nível dos brasileiros que dizem: “Os portugueses falam de uma maneira engraçada”. Não! Nós também falamos de uma maneira engraçada para eles, é recíproco, não faz o menor sentido você querer separar as coisas. Uma coisa que também seria muito importante para o pessoal que trabalha com a língua seria tentar conhecer-se e interagir mais. A sensação que eu tenho é que esse conhecimento foi sempre feito num nível muito alto e, pelo facto de ser num nível muito

alto, as pessoas que começam a interagir são pessoas que têm a sua formação completa numa ou noutra variedade. São pessoas como Ataliba Castilho, que já tem estado aqui inúmeras vezes, Fidelino Figueiredo, etc. O ideal seria que os novos linguistas, as pessoas mais novas, convivessem mais.

*O acordo ortográfico de 1990, recentemente aplicado, constituiu uma tentativa de uniformizar a forma de escrever as variedades de língua portuguesa. O Senhor Professor julga que se cumpriu esse objetivo?*

Na minha opinião, a ortografia tem de ser vista num contexto talvez mais amplo, que é o contexto da convivência. Eu acho que muita da resistência que se faz às mudanças de ortografia são resistências que provêm de interesses, por exemplo, das editoras, que não querem no mercado os livros que eram editados pela norma portuguesa. O mesmo acontece com os livros que eram editados na norma brasileira - não entram facilmente em Portugal. O que é uma pena!

*Para além da atividade de investigação, o Senhor Professor manteve-se sempre próximo do ensino. Na sua opinião, é importante que os investigadores ensinem?*

Eu tive sempre a sensação de que os órgãos públicos no Brasil mudam as pessoas que estão à frente em função de alianças políticas. Então, sempre que tem alguém, por exemplo, na Secretaria de Educação do Estado, essa pessoa muda muito e se sente obrigada a mostrar que está atualizada, que está na moda. Uma das formas que essas pessoas usam para garantir que estão atualizadas é convidar pessoas da universidade a participar na elaboração de instruções, normas ou guias. Eu me lembro de pelo menos cinco edições, só em São Paulo, de guias criadas pela Secretaria de Educação para os professores. No entanto, nem sempre esses guias chegam à mão dos professores, nem sempre, quando os livros chegam à escola, o diretor dessa mesma escola os distribui. Também acontece a Secretaria de Educação ligar para uma universidade procurando o reitor ou diretor para pedir ajuda em trabalhos e revisões. Eu, pelo menos, devo ter participado em quatro. Outra forma foi tentar escrever pequenas coisas que tocassem em pontos cruciais da intervenção do professor. Por exemplo, eu tinha uma ideia em relação à redação escolar: os professores pedem uma coisa e corrigem outra. Isto é, eles esperam que o aluno conte uma história. E uma história o que é? Tem um início, um meio e um fim. Tem um conflito. Se for uma boa história, tem um momento em que você pensa como é que vai acabar ou como tudo se vai resolver. Isso é história! Então, o aluno escreve uma história e o professor lê-a sem dar a menor atenção à história em si mesma e começa a corrigir: aqui tem um erro de concordância, aqui falta um

pronome, aqui tem um erro de pontuação ou aqui tem um erro de ortografia. Eu acho que uma redação tem de ser corrigida como um texto, para evitar esse descompasso entre aquilo que é pedido e aquilo que é avaliado. Mais recentemente, foi eleito um reitor que estava preocupado com a formação dos funcionários, uma vez que só tinham o curso de tipografia e ele queria também o de redação. Eu fui dar esse curso e tinha em frente umas cinquenta pessoas, todas elas de cinquenta anos para cima. Pensei fazer o seguinte: fazer com que eles contassem uma história – saíram histórias fantásticas! E aí aparece uma senhora muito humilde e começa a contar história de como ela arranjou um namorado numa festa no campo. Nessa história, o problema é que a mãe tinha costurado uma saia, lavou-a e pendurou-a lá fora, no varal, mas a vaca foi lá e comeu a saia. Ela teve de usar uma saia mais velha e isso não impediu que a moça arranjasse um menino como namorado. Na verdade, a senhora escreveu essa história muito mal escrita, então eu arranjei-a e falei para ela ver como ela tinha escrito e como eu sugeria que fosse. Ela começou a ler a história, leu os dois primeiros parágrafos, mas cansou-se e continuou contando a história. Era alguém que não estava no mundo da escrita, estava no mundo oral e para ela era muito importante contar. Resumindo, foi das melhores aulas de redação que tive. Você passa por uma experiência que lhe diz que às vezes a receita não é só Linguística, não é só coesão e coerência, é também você ver em que mundo as pessoas estão vivendo. O curso demorou cerca de seis meses e a sensação que tenho é de que essa senhora não virou escritora, mas entendeu que se você escrever a história de uma certa maneira, você vai ter mais leitores. No que toca às crianças, é preciso que estas tenham um pouco de espírito crítico desde o início. Não precisa ser grande, desses de conclusões filosóficas. Este tipo de exigência não é no sentido de criar um monte de pessoas que queiram criticar, é no sentido de que, se você faz esse tipo de pergunta mais inteligente, as pessoas começam a dizer “Bom, mas aquilo tinha sido melhor. Se era isso que se queria dizer, era melhor ter-se usado uma outra palavra. A confusão saiu daqui.” Aí, você começa a fazer Semântica. Infelizmente, os livros não favorecem esse lado e os professores não vão atrás dele.

*Qual é a realidade dos estudos linguísticos, atualmente, no Brasil e que caminhos aí se podem abrir no futuro?*

Se eu fosse a falar só de Semântica, eu diria que é um caminho de muita dispersão, é um caminho onde as pessoas trabalham, muitas vezes, sozinhas. Não têm um hábito que seria fundamental, um hábito que é de uma pessoa que trabalha com um certo tipo de Semântica abrir o jogo para outro tipo de pessoas que trabalham com outro tipo de

Semântica. Então, as coisas não funcionam como vasos comunicantes, funcionam como vasos fechados. Tem pessoas que trabalham mais nas áreas interdisciplinares que não conhecem quem faz teoria. Eu, particularmente, sou velho, então, tenho a sensação de que, antigamente, as áreas eram mais integradas e também que as pessoas tinham mais cultura linguística geral. Hoje, as pessoas entram numa certa linha, continuam naquela linha, e isso é culpa um pouco dos cursos também, porque os cursos muito frequentemente são currículos, nos quais você faz três/quatro disciplinas e você tem um mestrado, você faz cinco disciplinas e tem um doutorado. Houve uma época em que você fazia um exame de qualificação e nesse exame de qualificação você tinha de mostrar conhecimento em várias áreas. Além disso, há um problema: as pessoas se formam em Linguística, vão trabalhar em cursos de letras e a chance de fazer pesquisa e de crescer é muito pequena, porque a profissão de professor é uma profissão que no secundário é um desastre, mas na universidade está-se tornando cada vez pior. A nossa profissão era uma profissão bem paga, valorizada, mas, hoje em dia, não. Hoje em dia, ganhamos menos, mas também não é que a sociedade nos valorize muito. Eu acho que tem uma certa sensação de crise da sociedade brasileira, na qual, enfim, os valores são outros. Os valores são de sucesso, dinheiro e, numa situação dessas, as pessoas não tentam se aperfeiçoar, progredir, no sentido de serem mais cultas, inclusive conviver com colegas de outras disciplinas. O linguista, frequentemente, é uma pessoa que faz só Linguística, não faz mais literatura, não se interessa por poesia, não vai atrás dos filósofos, mas seria bom. Não vai atrás de Epistemologia, não vai atrás de Sociologia. Mas isso pode ser que seja simplesmente coisas de velho, a gente começa a ficar velho, a achar tudo errado. Lá, no meu tempo, pêssego dava em janeiro.

*Agradecemos, mais uma vez, por ter-nos concedido esta entrevista. Gostámos muito de estar à conversa consigo, foi uma entrevista bastante interessante.*

Espero não ter cansado vocês. Estou achando isso engraçado na minha vida: se eu dei quatro entrevistas foi muito, mas esta é a segunda entrevista que eu dou em praticamente três meses. Vocês talvez tenham sabido que eu virei professor emérito na Universidade de Campinas. Eu não sei o que significa emérito. Quer dizer, eu sei que sou porque me deram o papel a dizer que sou professor emérito. Até o meu neto um dia falou: “vô, posso levar esse papel lá para a escola para mostrar aos meus colegas?” E eu falei “não, não leva!” porque acho que eles não iam entender nada. Por conta do título de professor emérito me fizeram uma entrevista na Universidade de Campinas e a pessoa que fez a entrevista é um jornalista

profissional, era alguém que vinha pela Universidade e, para minha surpresa, me deixou muito à vontade, tal como vocês me deixaram inteiramente à vontade.

## O LUSITANO NO INDO-EUROPEU UMA PEÇA FORA DO PUZZLE?

Carlos Sousa e Silva <sup>1</sup>

silvacarlosrogerio@gmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

RESUMO. Neste estudo, discutiremos as diferentes propostas de enquadramento do lusitano na família indo-europeia que a ligam ao ramo céltico (Renfrew, 1998), pré-céltico (Witczak, 2005) e itálico (Villar, 1991 e Prósper, 2002). Por nenhuma delas ser satisfatória, recolocaremos a língua no 'puzzle' indo-europeu, seguindo um modelo de Garrett (1999, 2006), apontando contribuições da mesma para a construção do modelo do *dialect continuum* e inclusão neste último. Porém, concluiremos que é já suficientemente especulativo rotulá-la como «indo-europeia», dada a escassez de dados e o abismo temporal que nos separa da observação desta língua e, há que admitir que há coisas que poderemos nunca vir a saber.

PALAVRAS-CHAVE. Substratos, Paleolínguas Hispânicas, Indo-Europeística.

ABSTRACT. In this paper, we will discuss the different hypotheses for the Lusitanian's position within the Indo-European family, the ones that link it to the Celtic branch (Renfrew, 1998), pre-Celtic (Witczak, 2005) and Italic (Villar, 1991 and Prósper, 2002). None of which is satisfactory enough, so we will re-locate the language in the Indo-European puzzle following a model suggested by Garrett (1999, 2006), pointing out some Lusitanian features that support the dialect continuum model. However, we will conclude that, in linguistic terms, it is good enough to label it as «indo-european», once there is not enough data and the time depth is too large to make further speculation.

KEYWORDS. Substracts, Hispanic Paleo-languages, Indo-Europeistics.

---

<sup>1</sup> Estudante do 2.º ano do curso de Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas, perfil Bidisciplinar Português e Línguas Clássicas, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

## 1 - Introdução

Ao longo da história da humanidade, houve línguas que desapareceram e outras que emergiram, em função de diversos fatores sociais, geográficos, demográficos, entre outros. Na verdade, modernadamente, excetuando as línguas que dispõem de um conjunto de materiais que podem ser decifrados, a maior parte das línguas extintas serão para sempre desconhecidas (François, 2015: 161), em termos de estruturas linguísticas.

Mesmo havendo alguns dados da arqueologia, ou, mais concretamente, da epigrafia, das «paleolínguas», chegam-nos resquícios praticamente nulos e muito fragmentários, o que torna a sua reconstrução uma tarefa muito difícil, precária e, em muitos casos, baseada em conjecturas altamente improváveis, para além de serem levadas a cabo mais por arqueólogos do que por linguistas. Neste sentido, mesmo não sendo os maiores especialistas no assunto e, ao mesmo tempo, conscientes do quão falível é tudo o que se possa afirmar, decidimos escrever este artigo em jeito de «nota linguística» ao lusitano.

Partindo dos pressupostos de que 1) o «lusitano» era uma língua unitária (Untermann, 1965; Villar, 1991; Prósper, 2002; Witzak, 2005) e de que 2) era uma língua indo-europeia (Clackson, 2007), discutiremos, com base em dados linguísticos, as diferentes teses que têm sido defendidas em relação à filiação do lusitano dentro desta família linguística, privilegiando o modelo de Garrett (1999, 2006). Estes pressupostos serão seguidos num primeiro momento por, por um lado, estarem de acordo com a maior parte da bibliografia analisada e, por outro, por facilitarem, de certa forma, a compreensão dos problemas tratados, mas não deixaremos de debatê-los nas considerações finais, bem como de discutir a questão do contínuo dialetal indo-europeu (doravante, IE).

Ao longo de todo o artigo, não podemos perder de vista que o nosso conhecimento será sempre limitado por várias razões. Em primeiro lugar, como evoca Paz (2008: 7), ao recordar as palavras de Labov, por este conhecimento se obter fazendo o melhor uso possível de dados deficientes e, em seguida, porque estes “dados deficientes”, no caso do lusitano, têm imperativamente de ser olhados com alguma desconfiança, uma vez que uma das principais fontes, isto é, a epigrafia, nos chega “com recurso a uma adaptação (...) a uma escrita já totalmente desenvolvida e introduzida na Península Ibérica por um processo de colonização romana” (Miguel, 2013: 59) e, portanto, não se sabe até que ponto influenciada pelo latim.

## 2 - Enquadramento teórico

Tradicionalmente, identificam-se dez ramos ou subgrupos diferentes na família indo-europeia: o anatólio, o indo-iraniano, o grego, o itálico, o céltico, o germânico, o arménio, o tocário, o balto-eslavo e o albanês (Fortson, 2015: 645). Para além disso, existem algumas línguas ou blocos linguístico-dialetais, como o trácio e o messápico, que pertencem à família, mas a sua filiação é muito discutível, se não impossível de se fazer, dada a escassez de material linguístico a que foi possível aceder até hoje.

O estabelecimento de subgrupos, no entanto, é uma tarefa dificultada, tal como a reconstrução das paleolínguas, pelo abismo temporal com que se trabalha e, no caso indo-europeu, agravado pelo problema do *multi-branching*. Tipicamente, a árvore filogenética do IE é apresentada como um conjunto de ramos que irradiam diretamente a partir de um único ancestral comum, ao contrário do que acontece com muitas outras famílias conhecidas, nas quais se representa como uma sequência de bifurcações sucessivas (Fortson, 2015: 646).

Neste sentido, como iremos ver, os chamados *outliers*<sup>2</sup> (Garrett, 1999) agravariam ainda mais o problema, por constituírem ainda mais algumas ramificações diretas do IE. Por isso, linguistas e arqueólogos que estudam a filogenia desta família linguística tentam, frequentemente, «forçar» a inclusão de línguas ou blocos linguístico-dialetais como o lusitano num dos dez ramos tradicionais.

Villar (1991) e Prósper (2002), por exemplo, pretendem ligar o lusitano ao ramo itálico do indo-europeu. No entanto, esta tese tem de ser olhada com muita cautela, dado que as marcas aparentemente itálicas podem ser resultado da interação entre a «língua lusitana» e a língua latina, a primeira já numa fase terminal da sua existência.

Para além da hipótese dos estudiosos espanhóis já referidos, Untermann (1965) e Renfrew (1998: 232), apoiados sobretudo em dados lexicais e em convicções arqueológicas, advogavam que esta língua é parte do ramo céltico. Ramat & Ramat (1998: 354) também incluem esta língua entre as célticas, salvaguardando, todavia, que “the celtic nature of the Lusitanian is dubious”.

Há ainda aqueles, como Beekes (2011: 28), que afirmam que o lusitano “seems to be Indo-European, but not Celtic”, embora não assumam uma posição quanto à sua classificação filogenética interna, nem mesmo deem certezas de que é uma língua indo-europeia.

---

<sup>2</sup> «Línguas» ou blocos linguístico-dialetais, como o liburno, o ligúrio, o venético, o messápico e o lusitano, que, apesar de alegadamente pertencerem à família indo-europeia e, ainda que com ligações estreitas aos ramos céltico e itálico, combinam características de outros ramos e, como tal, não se incluem em nenhum.

Por seu lado, as gramáticas do IE de Kuriaki (2007: 61) e Quiles & López-Menchero (2012: 105-106) incluem-no na categoria dos «dialetos fragmentários», a par do liburno, do lígúrio, do venético e do messápico, supostas fragmentações diretas do indo-europeu com ligações estreitas aos ramos céltico e itálico. Porém, esta proposta não é satisfatória, pois, por um lado, é uma forma de deixar a questão em suspenso, como é natural muitas vezes em ciência, e, por outro, agrava o problema do *multi-branching*<sup>3</sup>.

Há ainda quem, como Blazek (2006: 15), tente conciliar as duas perspetivas, defendendo que esta língua resulta de uma fragmentação do proto-italo-céltico por volta do terceiro e segundo milénios a.C., quando estes dois ramos ainda não se distinguem.

Todavia, outra das teses de colocação do lusitano que emergiram é a de Witczak (2005: 469-470), que considera esta língua pré-céltica, isto é, tal como o proto-belga, o proto-lusitano faria parte de um primeiro dissidente celta que se teria separado do indo-europeu entre 2600 e 1900 a.C.. Esta hipótese, para além de concordar com o mapa de expansão do indo-europeu traçado por Bouckaert et al. (2012: 959), tem um forte suporte na arqueologia, tendo em conta nomeadamente o que se sabe da expansão da «cultura do vaso campaniforme», e nos processos fonológicos que foi possível estudar através da onomástica belga e lusitana.

Uma outra teoria concorrente, mas ainda um pouco marginal, é a fundada por Garrett (1999, 2006), que ganha peso com o trabalho conjunto apresentado por Will Chang et al. (2015) e sustentado por Anthony & Ringe (2015), i. e., o modelo do *dialect continuum*.

Na medida em que esta é a única proposta que, por ser compatível com qualquer língua, consegue enquadrar o lusitano no panorama indo-europeu, a hipótese do contínuo dialetal, aplicada a ramificações de línguas mais tardias, como as românicas, resolve o problema do *multi-branching* e torna dispensável a obsessão de enquadrar obrigatoriamente «dialetos fragmentários» num subgrupo do IE.

Segundo este modelo, sobre o qual discorreremos mais longamente, o indo-europeu ocidental e setentrional, tradicionalmente lido como uma divisão em três grupos – o grego, o itálico e o céltico – não se dividiria desde logo em ramos (como estes três), mas, inicialmente, dispunha-se sob a forma de um contínuo dialetal, a par com o lusitano, o messápico, o venético e demais chamados *minor groups*<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> O *multi-branching*, como vimos acima, é o termo usado para designar um problema teórico que é a sobre-ramificação do indo-europeu, no que diz respeito aos seus ‘ramos primários’. Na verdade, a quantidade de ramos primários que saem ao mesmo tempo da língua da origem, não só não encontra par noutras famílias, como as ultrapassa bastante. Daí que, por exemplo, Anthony & Adams (2015), entre outros, tentem ‘árvores binárias’.

<sup>4</sup> O mesmo que *outliers*.

### 3 - *Fragmentos de uma gramática perdida*

Como já vimos, o Noroeste peninsular, no período imediatamente antes da ocupação romana, era um espaço geográfico dividido entre, no mínimo, dois grandes blocos linguístico-dialetais dominantes, um seria aquele que genericamente designamos por galaico, de natureza céltica, e outro, o lusitano:

In the northwest of the Iberian Peninsula, and more specifically between the west and north Atlantic coasts and an imaginary line running north-south and linking Oviedo and Merida, there is a corpus of Latin inscriptions with particular characteristics of its own. This corpus contains some linguistic features that are clearly Celtic and others that in our opinion are not Celtic. The former we shall group, for the moment, under the label northwestern Hispano-Celtic. The latter are the same features found in well-documented contemporary inscriptions in the region occupied by the Lusitanians, and therefore belonging to the variety known as Lusitanian, or more broadly as Gallo-Lusitanian. As we have already said, we do not consider this variety to belong to the Celtic language family.

(Jordán Colera 2007: 750)

Em ambos os casos, à semelhança do que se passa com as outras paleolínguas, as nossas principais fontes para estudo são a toponímia, a antroponímia e a teonímia. Contudo, a situação do lusitano é um pouco diferente, pois, para além destas fontes, chegou até aos nossos dias um pequeno corpus de epígrafes, sobretudo de natureza religiosa, escritas com o alfabeto latino, que nos fornecem dados preciosos para a análise linguística. De facto, enquanto, por exemplo, no caso do galaico, podemos apenas fazer aproximações linguísticas, no lusitano podemos fazer algumas com base nesta documentação, ainda que muito pontuais e devendo ser feitas com cautela. Schmidt (1985), por exemplo, tenta verificar o padrão de ordem de palavras desta língua. No entanto, a contaminação do latim é, talvez, o mais provável (Moravckik, 2012).

Apesar de parecer trivial tudo o que possamos extrair deste corpus escrito que se supõe ser lusitano, atestado apenas no século I d.C., ou seja, bastante recente em relação a outras línguas indo-europeias como o latim, o grego e o sânscrito, não o é completamente. Como afirmam Mallory & Adams (2006: 13-14), “the antiquity of attestation (...) is not a guide for the utility of a language group to contribute to our understanding of the development of Indo-European”, dando como exemplo o báltico que, tendo como fonte escrita mais antiga um documento da idade moderna, contribuiu largamente para os estudos da linguística indo-europeia. O que é preciso, no entanto, é separar muito bem aquilo que é latim, daquilo que é autóctone.

Na verdade, há quem conjecture que, tal como o lusitano, a maior parte das línguas faladas no Mediterrâneo por volta de 500 a.C., suplantadas pelo latim, eram, na sua maioria, ramos independentes do indo-europeu e não parte de um subgrupo (Clackson, 2007: 7). Porém, como verificaremos, esta não será uma solução viável, uma vez que, mesmo exclusivamente a partir de dados linguísticos, não há uma unidade na natureza dos traços, ou seja, aquilo a que aqui chamamos lusitano recupera características de vários subgrupos da família indo-europeia, não sendo propriamente «independente», como vamos mostrar com base na inscrição de Lamas de Moledo (cf. Tabela 1).

RVFINVS ET
TIRO SCRIP
SERVNT
VEAMNICORI
DOENTI
ANGOM
LAMATICOM
CROVGAI MAGA
REAIGOI PETRAVIOI T
ADOM PORGOM IOVEAI
CAEILOBRIGOI

**TABELA 1.** Transcrição da epígrafe de Lamas de Moledo (Viseu).  
Fonte: Untermann (2001) *apud* Miguel (2013: 13).

Vamos, agora, fazer uma análise linguística mais próxima do corpus, rever as teses apresentadas no enquadramento teórico.

### 3.1 - Traços lexicais

Muitos dos itens lexicais da epígrafe apresentada na Tabela 1 têm, de facto, cognatos célticos, que podem não ser mais do que empréstimos do contacto com os blocos linguístico-dialetais circundantes. A título de exemplo, temos o segundo componente de VEAMINICORI, aparentado com o irlandês antigo *cuire* “bando/grupo”, mas também com outros componentes de várias línguas do grupo indo-iraniano, como o persa *kara*- “exército”, algo que se repete em todas as inscrições e noutras palavras desta epígrafe, como TANDOM e IOVEA, que já não têm cognatos célticos, mas têm sempre pelo menos um no ramo grego

e, ainda mais, no indo-iraniano, conforme diz Blazek (2007: 10-11). Apesar disto, este estudioso considera que as “isoglosses connecting Lusitanian with Indo-Iranian apparently reflect the peripheral archaisms, which are also typical for Italic and Celtic” (*ibidem*: 15).

Para além disso, na toponímia evidencia-se o lexema celta *briga*, que significa nestas línguas “elevação de terreno/fortaleza” e que entra na composição de toda a toponímia da zona indoeuropeizada da Península Ibérica (Paz, 2008: 13).

Todavia, a presença deste componente na área lusitana não nos obriga a aceitar que a língua aqui falada seja céltica, mas, pelo contrário, este lexema pode ser facilmente considerado um empréstimo céltico que entrou para o lusitano, língua não céltica, por via do contacto com as línguas deste subgrupo que, numa fase tardia, o cercavam: a norte o galaico, a este o celtibero e a sul uma outra língua cuja identidade se desconhece.

Por outro lado, o aparecimento recorrente da conjunção *indi*, que, embora não apareça em Lamas de Moledo, aparece oito vezes em todo o corpus epigráfico, leva-nos a descurar mais uma vez a teoria que liga o lusitano ao ramo céltico. De facto, esta conjunção tem como cognatos mais próximos as formas do germânico (antigo alto alemão *unti*, saxão antigo *endi* e inglês *and*), enquanto que nas línguas celtas é inexistente ou, pelo menos, desconhecida (Villar, 1991: 456).

Assim, em termos de léxico, como vimos acima, o lusitano parece recuperar termos de vários ramos, pelo que não podemos associá-lo taxativamente a um deles, nem podemos dizer que se trata de uma ramificação independente do indo-europeu.

### 3.2 - Traços fonológicos

O principal argumento que afasta o lusitano do ramo céltico é a preservação do fonema /p/ inicial, como vemos na palavra *porcom* “porco”, em contraste com o irlandês *orc* (Villar, 1991: 455), que segue a evolução do indo-europeu tardio \*p> \*Φ> \*h> céltico Ø (Quiles & López-Menchero, 2012: 106). No entanto, numa fase em que italo-céltico ainda não se distinguiam, o \*p mantinha-se, daí a tese de Blazek que já referimos anteriormente. Porém, a nosso ver, este argumento não serve de explicação para o problema em estudo, pois pode evidenciar pura e simplesmente mais uma das muitas influências do latim que se veem nas epígrafes e não uma característica do próprio lusitano.

Outro argumento que comprova a filiação não céltica desta língua é a inovação da labiovelar indo-europeia \*k<sup>w</sup>, que se conserva em todo o grupo céltico, mas no lusitano aparentemente evoluiu para /p/.

Por fim, segundo Villar (1991: 457), “uno de los rasgos más decisivos contra el carácter celta” é o tratamento da labial sonora aspirada indo-europeia \*b<sup>h</sup> como fricativa surda /f/, que vemos no vocábulo IFADEM da inscrição de Cabeço de Fráguas. Porém, se estes traços nos levam a separar o lusitano do céltico, não nos levam a aproximá-lo de nenhum outro grupo, pelo que a conclusão que permanece é aquela já apresentada, isto é, de que as características da hipotética evolução diacrónica do lusitano assemelham-se às de vários grupos ao mesmo tempo e, como tal, a única hipótese que sobra é a do contínuo dialetal, que teria existido entre o lusitano e estes grupos.

### 3.3 - Traços morfológicos

Apesar do corpus limitado, tanto Witczak como Blazek (2006: 14-15) reconstruíram tabelas da flexão nominal do lusitano com aquilo que dele foi possível extrair, concluindo que existiam nesta língua, pelo menos, nomes de tema em -a-, -o-, consoante, -i- e -u-, declináveis em nominativo, acusativo, genitivo, dativo, ablativo e locativo, que não apresentam grandes inovações em relação ao próprio indo-europeu.

O espólio verbal que nos chegou é, por seu lado, ainda mais reduzido. Todavia, os poucos itens encontrados são determinantes no encaixe desta língua no “puzzle” do indo-europeu, como vamos ver ao analisar a forma DOENTI.

É possível que esta forma verbal, absolutamente incompatível com o ramo céltico, tanto pelo radical como pela desinência, se trate da forma do presente do indicativo do verbo que significa ‘dar’, conjugada na terceira pessoa do plural. O radical *do-* não sobreviveu nas línguas célticas (Villar, 1991: 456); no latim, representante das línguas itálicas, é *d-*; de modo que esta forma só encontra paralelo no grego *δο-/ δω-* (raiz alternante). Por outro lado, a vogal temática *-e-* da terceira pessoa do plural também denota uma grande semelhança com esta última língua, bem como a terminação *-nti*, comum também ao sânscrito, mas que no ramo grego é aparentemente um arcaísmo mantido apenas no dórico<sup>5</sup>, dialeto da Grécia ocidental.

Neste ponto, a hipótese de esta língua constituir uma fragmentação do italo-céltico já não é capaz de dar respostas, pelo que se torna necessário enquadrar o lusitano num outro tipo de modelo que não o de distribuição genética das línguas indo-europeias por ramos, mas vê-las como um contínuo.

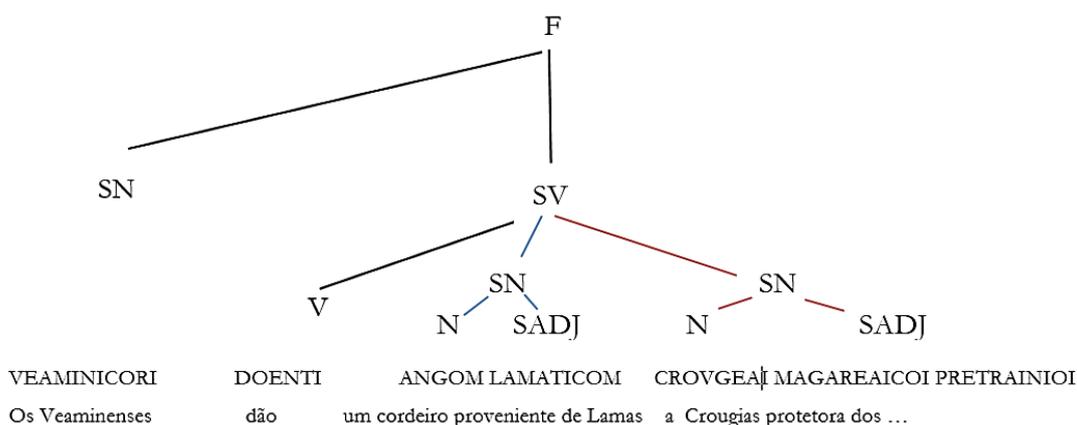
---

<sup>5</sup> Veja-se Goodwin (1940: 132).

### 3.4 - Características sintáticas

Partindo da epígrafe mas, sobretudo, das tabelas nas quais Miguel (2013: 63-64) procura enquadrar os funções sintáticas desempenhadas por cada constituinte segundo as interpretações dos vários estudiosos do lusitano, verificamos que o padrão de palavras encontrado pode por vezes ser OVS, mas, na verdade, o mais comum é o SVO, que supostamente seria a ordem não marcada do lusitano (Prósper, 1999: 155), em concordância com Schmidt (1985) e Villar (1991). Em qualquer destes casos, o padrão é sempre distinto do das línguas célticas, tanto das continentais (Lehmann, 1980: 90 e 119), como das insulares (ibidem: 67-68), isto é, VSO.

Por outro lado, vemos que, tal como comumente acontece nas línguas SVO, no lusitano o adjetivo aparece preferencialmente depois do nome e o objeto direto antes do indireto, como vemos nesta representação simplificada em árvore do principal segmento da inscrição de Lamas de Moledo, apresentada na Figura 1:



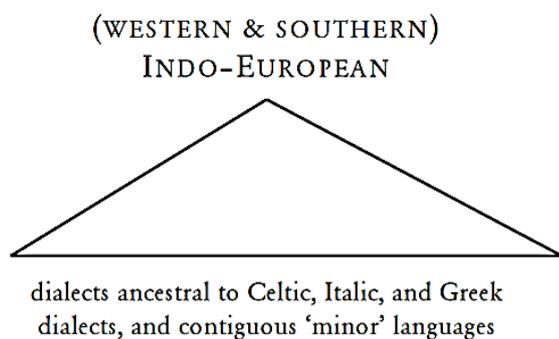
**FIGURA 1.** Representação em árvore de uma oração da epígrafe de Lamas de Moledo.

Porém, dada a elevada escassez dos dados, a possibilidade elevada de contaminação do latim e a grande variação que existe no próprio panorama indo-europeu, não nos atrevemos a tirar qualquer conclusão a partir da observação da sintaxe inscrita nas epígrafes.

### 4 - Uma outra visão: o modelo do dialect continuum

No fim do último século, observando os casos do Linear B face aos outros dialetos gregos, do venético face ao ramo itálico e do lusitano face ao céltico, Garrett (1999) concluiu que, ao invés de agravar a multiramificação do indo-europeu, era possível criar um novo modelo que enquadrasse estes *outliers*.

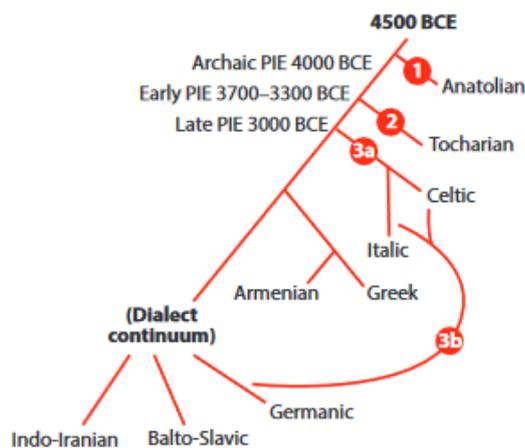
Tendo verificado que, por exemplo, no caso grego, os dialetos orientais tinham como terminação da primeira pessoa do plural no presente do indicativo *-men*, enquanto que os ocidentais o morfema era *-mes*, alguns estudiosos aproximam estes morfemas do itálico *-mus*. Nesta linha de raciocínio, as línguas que, como o venético, ora eram associadas ao céltico, ora ao itálico, partilhando características de ambos e outros ramos, eram tidas como descendentes diretas do IE. Começou-se, assim, a defender que os ramos que ocupam a Europa setentrional e ocidental não tiveram uma ramificação imediata, mas dispunham-se neste território sob a forma de um contínuo dialetal (cf. Figura 2). Portanto, os ramos do IE teriam emergido da convergência local naquilo que era inicialmente um contínuo dialetal, ou seja, com o tempo, os intervalos entre o contínuo, deixados por fatores sociais, geográficos, entre outros, fizeram com que os falantes de determinada zona convergissem em certos traços, o suficiente para formar um ramo coerente.



**FIGURA 2.** Modelo inaugural da proposta do *dialect continuum* por Garrett (1999).

Ora, nesta hipótese é finalmente possível atribuir um lugar ao lusitano e explicar as características, quer itálicas, quer célticas, bem como a presença de cognatos indo-iranianos vistos por Blazek como arcaísmos mantidos apenas na periferia da expansão dialetal do indo-europeu.

Todavia, a presença da conjunção *indi*, análoga ao germânico, ficaria ainda por explicar, não fosse a revisão deste modelo por Anthony & Adams (2015: 209), apresentado na Figura 3.



**FIGURA 3.** *Dialect continuum* revisto e aplicado a toda a família linguística por Anthony & Adams (2015).

Assim, concluímos que o *dialect continuum* estabiliza a filiação do lusitano dentro da família indo-europeia e que a própria língua dá um suporte substancial a esta teoria, uma vez que, de entre as que compõem os *minor groups*, é uma das mais bem documentadas e aquela em que se evidencia mais variedade de traços nos vários domínios da gramática, permitindo inviabilizar o modelo tradicional e conceber um novo que, em princípio, será aquele que até agora se aproxima mais daquilo que foi a dispersão das línguas indo-europeias.

### 5 - Considerações finais

O *dialect continuum*, pelas razões que vimos acima, parece-nos ser o modelo com maior potência explicativa da difusão das línguas indo-europeias e do posicionamento de *outliers* como o lusitano.

Contudo, este modelo não está isento de problemas e tem sido contestado nos últimos anos, por um lado, por causa dos dados morfológicos em que se baseia (Fortson, 2015) e, por outro, porque não afasta a necessidade de organização das línguas indo-europeias em subgrupos (François, 2015).

No entanto, há ainda uma outra proposta, indiciada por Beekes (2011) e avançada por Miguel (2013) que é a de aquilo a que se chama «lusitano» nem ser um bloco linguístico-dialetal unificado, nem fazer parte da família indo-europeia. Poderia ser sim, um conjunto diversificado de línguas não indo-europeias muito antigas, cuja identidade não se conhece e, que, em virtude, em primeiro lugar, dos traços areais das línguas indo-europeias,

supostamente célticas, que as rodeavam e, depois, do superestrato latino que as suplantou, incorporaram traços indo-europeus.

Em suma, neste, como em qualquer estudo paleolinguístico; o que podemos é dar hipóteses coerentes, apoiados nos escassos dados de que dispomos, sem deixar evidência da debilidade das mesmas.

## REFERÊNCIAS

- Anthony, D.; Ringe, D. 2015. The Indo-European homeland from linguistics and archaeological perspectives. *Annual review of linguistics* 1: 199-219.
- Ball, M. J.; Müller, N. 2009. *The celtic languages*. New York: Routledge.
- Beekes, R. 2011. *Comparative Indo-European linguistics: an introduction*. Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- Blazek, V. 2006. Lusitanian Language. *Studia Minora Facultatis Philosophicae Universitatis Brunensis* 11: 5-18.
- Bouckaert, R. 2012. Mapping the Origins and Expansion of the Indo-European Language Family. *Science* 337: 757-760.
- Chang, W. 2015. Ancestry-constrained phylogenetic analysis supports the Indo-European steppe hypothesis. *Language* 91: 194-244.
- Clackson, J. 2007. *Indo-European linguistics: an introduction*. New York: Cambridge University Press.
- Fortson, B. W. 2015. Indo-European: methods and problems. In C. Bower; B. Evans (eds.) *The Routledge handbook of historical linguistics*. New York: Routledge.
- François, A. 2015. Trees, waves and linkages: models of language diversification. In C. Bower; B. Evans (eds.) *The Routledge handbook of historical linguistics*. New York: Routledge.
- Garrett, A. 1999. A new model of indo-european subgrouping and dispersal. In S. S. Chang; L. Liaw; J. Ruppenhofer (eds.). *Proceedings of the twenty-fifth annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Berkeley: BLS: 146-156.
- \_\_\_\_\_. 2006. Convergence in the formation of indo-european subgroups: phylogeny and chronology. In P. Forster; C. Renfrew (eds.). *Phylogenetic methods and the prehistory of languages* (pp. 139-151). Cambridge: McDonald Institute for Archeological Research.
- Goodwin, W. 1940. *A Greek Grammar*. London: MacMillan and Co.
- Jordán Cólera, C. 2007. Celtiberian. *e-Keltoi* 6: 749- 850.
- Kuriaki, K. 2007. *A grammar of modern Indo-European*. UE: Indo-European association.
- Lehmann, W. 1980. *Proto-Indo-European syntax*. USA: University of Texas Press.
- Luján Martínez, E R. 2006. The Language(s) of the Callaeci. *e-Keltoi* 6: 715-748.
- Moravcsik, E. 2012. *Introducing Language Typology*. Cambridge: University Press.
- Mallory, J. P.; Adams, D. Q. 2006. *The Oxford introduction to proto-indo-european and the proto-indo-european world*. Oxford: Oxford University Press.
- Martinet, A. 1994. *Des steppes aux océans: l' indo- européen et les «indo- européens»*. Paris: Éditions Payot & Rivages.
- Miguel, A. M. 2013. *As epígrafes em língua lusitana: memórias escritas da língua e da religião indígena*. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto.
- Paz, R. M. 2008. *Historia de la Lengua Gallega*, EC: Lincom Europa.
- Prósper, M. B. 1999. The inscription of Cabeço das Fráguas revisited. Lusitanian and alteuropaisch populations in the west of the iberian peninsula. *Transactions of the Philological Society* 97: 151-183

- \_\_\_\_\_. 2002. *Lenguas y religiones prerromanas del occidente de la Península Ibérica*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- Prósper, M. B.; Villar, F. 2009. Nueva inscripción lusitana procedente de Portalegre. *Emerita* 77: 1-32.
- Quiles, C.; López-Mencheró, F. 2012. *A grammar of modern Indo-European* (3ª ed.). Badajoz: Indo-European Language Association.
- Ramat, A.; Ramat, P. 1998. *The Indo-European languages*. London: Routledge.
- Renfrew, C. 1998. *Archaeology and language: the puzzle of Indo-European origins*. London: Pimlico.
- Schmidt, K. H. 1985. A Contribution to the Identification of Lusitanian. *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas*. Salamanca: 319-341.
- Untermann 1965. *Elementos de un atlas antroponímico de la Hispania Antigua*.
- Villar, F. 1991. *Los indoeuropeos y los orígenes de Europa: Lenguaje e Historia*. Madrid: Editorial Gredos.
- Witczak, K. 1999. On the indo-european origin of two lusitanian theonyms (Laebo and Reve). *Emerita* 67: 65-73.
- \_\_\_\_\_. 2005. *Język i religia luzytanów: studium historyczno-porównawcze*. Łódź: Wydawnictwo Uniwersytetu Łódzkiego.
- \_\_\_\_\_. 2009. Lusitanian personal names with the equine motivation. *Lingua Posnaniensis* 51: 155-163.

# Leituras semânticas do presente do indicativo em notícias de rádio (oral) e notícias de jornais *online* (escrito)

José Carlos Barbosa<sup>1</sup>

barbosajosecarlos15@gmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

RESUMO: O Presente do Indicativo é um tempo verbal que pode referir-se ao passado, ao próprio presente e ainda ao futuro. Tanto a nível oral como a nível escrito, este é dos tempos verbais mais utilizados. Iremos, ao longo deste estudo, analisar os valores semânticos do Presente do Indicativo em notícias de rádio (oral) e notícias de jornais *online* (escrito). Os principais objetivos são, por um lado, contribuir para a caracterização semântica deste tempo verbal e, por outro lado, verificar se há diferenças no uso deste tempo dentro do mesmo género, o jornalístico, mas em registos diferentes, oral e escrito. A pesquisa feita permitiu concluir que, nos dados analisados, as leituras mais frequentes do Presente do Indicativo são as de Pré-Presente e de Presente Real, ocorrendo com pouca frequência as interpretações do Presente com valor de Futuro, do Presente Habitual e do Presente Genérico. Observaram-se ainda outros valores que não surgem descritos na literatura: Presente com leitura de Presente Progressivo, Presente com uma interpretação próxima do Pretérito Perfeito Composto e um Presente que valida as situações em diferentes intervalos de tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Presente do Indicativo, Leituras Semânticas, Texto Jornalístico, Registos Oral e Escrito.

ABSTRACT: The Simple Present in European Portuguese is a tense that can be used to refer to the past, to the present itself and also to the future. In both oral and written registers, this is one of the most used tenses. Throughout this study we will analyse the semantic values of the Simple Present in radio news (oral) and in news from online newspapers (written). The main goals are, on the one hand, to contribute to the semantic characterization of this verbal tense and, on the other hand, to verify if there are differences in the use of this tense within the same genre, the journalistic one, but in different

---

<sup>1</sup> Estudante do 3.º ano da Licenciatura em Ciências da Linguagem da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

registers, both oral and written. This research allowed us to conclude that in the analysed data the most frequent interpretations of the Simple Present are of *Pré-Presente* and *Presente Real*, seldom occurring the interpretations of Futurate Present, a Present with a future value, of Habitual Present and of Generic Present. We can also observe other values which are not described in the literature: a Present with an interpretation typical of a Present Progressive, a Present with an interpretation that resembles that of the *Preterito Perfeito Composto* and a Present that validates situations in different time intervals.

KEYWORDS: Simple Present, Semantic Interpretations, Journalistic Text, Oral and Written Registers.

### 1 - *Introdução*

O Presente do Indicativo é dos tempos mais utilizados pelos falantes do português, seja a nível oral ou a nível escrito, segundo Fatori (2010 *apud* Barbosa e Cruz 2013). O Presente do Indicativo pode expressar valor temporal de passado, de Presente Real e ainda de Futuro, ou seja, este tempo é dos mais versáteis da Língua Portuguesa. Apesar da versatilidade associada a este tempo, notamos que não existe um grande número de estudos sobre ele e sobre os seus valores semânticos. Alguns dos trabalhos existentes sobre esta área de estudo são de Lopes (1995), Silvano (2002), Tavares (2005), Baldé (2013) e Dala (2013).

O objetivo central deste trabalho é o de analisar o valor semântico do Presente do Indicativo em notícias de rádio (transmitidas oralmente) e em notícias de jornais *online* (em registo escrito), a fim de identificar as leituras mais recorrentes deste tempo no *corpus* recolhido. Iremos, assim, tentar perceber se neste tipo de texto jornalístico este tempo tem realmente os valores que lhe são atribuídos na literatura.

Este trabalho está organizado em diferentes secções. Na primeira secção será feito um enquadramento teórico, que inclui duas partes. A primeira parte é relativa a algumas noções sobre Tempo, Aspeto, e sobre valores do Presente do Indicativo. A segunda parte aborda questões relacionadas com as características do texto jornalístico que é o nosso objeto de estudo, em particular, as notícias de rádio e as de jornais *online*. Após a abordagem das noções essenciais para o desenvolvimento da investigação, apresentar-se-á uma explicação sobre o modo como foi recolhido e, posteriormente, analisado o *corpus*. Será apresentada uma contabilização dos tempos verbais nos dois tipos de texto selecionados dentro do género jornalístico. De seguida, iremos centrar-nos apenas nos verbos existentes ao longo do *corpus* no Presente do Indicativo. Posto isto, discutiremos os valores mais recorrentes nos dois tipos de notícias em análise, apresentando alguns dos exemplos mais relevantes. Para finalizar este trabalho, serão apresentadas algumas considerações finais.

## 2- Enquadramento Teórico

### 2.1- Breves noções sobre o Tempo

A categoria denominada Tempo permite fazer uma localização das situações, nomeadamente Eventos ou Estados. Estas situações são expressas nas línguas naturais nos diferentes tipos de enunciados produzidos (Oliveira 2003: 129; Baldé, 2013: 4). A sua localização é essencialmente feita pelos tempos verbais, no entanto, os advérbios ou expressões adverbiais de tempo e determinadas construções temporais têm também em muitos dos casos essa função.

O tempo pode ser representado como uma ordenação linear direcionada do passado para o futuro. A forma como o tempo é marcado nas línguas envolve a localização e a orientação no eixo temporal. Quando usamos uma expressão temporal para descrever qualquer tipo de situação, esta não é concetualizada como um ponto no eixo, mas sim como um intervalo de tempo, pois ao tempo é associada a dimensão de duração.

Reichenbach (1947 *apud* Baldé 2013: 5) propõe três momentos essenciais para fazer a localização temporal:

1. Ponto de fala (F): coincide com o momento de fala (ou de enunciação).
2. Ponto de evento (E): refere-se ao tempo do acontecimento que é descrito pela frase.
3. Ponto de referência (R): serve como ponto intermédio a partir do qual se pode situar o evento (ou estado) descrito.

Os tempos verbais articulam-se em três domínios: o Passado, o Presente e o Futuro. Podemos falar de uma relação de anterioridade, de simultaneidade ou de posterioridade do tempo em relação a um determinado momento escolhido como o intervalo de referência, normalmente o de enunciação, tal como é referido por Oliveira (2003: 130-131).

Dependendo do intervalo de tempo escolhido como ponto de referência, podemos distinguir dois tipos de relações: dêiticas e anafóricas. No caso das relações dêiticas, estabelece-se uma relação direta com o momento de enunciação, um elemento extralinguístico. No caso das anafóricas, as relações são estabelecidas com intervalos previamente introduzidos no discurso, i.e., com elementos linguísticos. Vejamos alguns exemplos presentes em Oliveira (2003: 132):

- (1) A Maria partiu ontem.
- (2) Antes de escrever a carta, o Rui telefonou à Ana.

- (3) O Rui disse à Ana que tinha conversado com o pianista quando este chegou ao auditório.

O exemplo (1) mostra a utilização de um tempo e ainda do advérbio, referindo-se a uma situação passada: tal como o advérbio nos refere, no dia anterior ao momento de enunciação. Neste caso, temos uma relação dêitica, dado que a situação estabelece uma relação direta com o momento de enunciação. No exemplo (2), a situação “o Rui telefonou à Ana” estabelece uma relação de anterioridade com a situação descrita pela oração subordinada temporal, sendo esta uma relação anafórica. No caso da frase em (3), estão representadas várias situações que, para serem interpretadas, implicam a ligação às situações com as quais ocorrem, sendo exemplos de anáfora temporal. A frase matriz “O Rui disse à Ana” pode considerar-se uma exceção, isto é, toma o momento de enunciação como o seu intervalo de avaliação, sendo, por conseguinte, um caso de dêixis.

No seguimento de Reichenbach, Comrie (1985 *apud* Silvano 2002: 15) refere que “a caracterização dos tempos verbais se estabelece através das relações entre o momento de evento (E) e o momento de fala (S), relação de anterioridade (antes), posterioridade (depois) e simultaneidade (simul), sendo E a variável e S o ponto fixo”. As diferentes relações entre estes intervalos de tempo determinam a distinção de vários tempos verbais em três grandes grupos: os tempos absolutos, os tempos relativos e os tempos absoluto-relativos (cf. Silvano 2002: 15).

Segundo Reichenbach (1947, *apud* Silvano (2003: 11)) “Nos tempos absolutos, R e S coincidem, enquanto os tempos relativos são definidos em termos das relações que se estabelecem entre R, S e E. Por outro lado, nos tempos absolutos, o termo anterior aplica-se se E precede R e o termo posterior se E segue R. Quando R e E coincidem, usa-se o termo simples. Os termos passado, presente e futuro indicam a posição de R em relação a S.” Declerck (*apud* Silvano 2003: 98-99) observa ainda que o estabelecimento de um domínio pode fazer-se não só através de um tempo verbal absoluto ou através de um tempo verbal absoluto-relativo (restabelecimento do domínio), como também através de um tempo verbal relativo e de um adverbial temporal.

## 2.2- *Breves noções sobre o Aspeto*

A categoria denominada Aspeto fornece informações sobre a forma como a estrutura temporal interna das situações é perspectivada. O Aspeto, contrariamente ao Tempo, permite olhar para a estrutura interna, perspectivando, a partir do seu interior, as situações descritas.

O Aspeto centra-se, portanto, na perspetivação interna e não necessita de se relacionar com outros elementos (Oliveira: 2003: 129-130).

É importante distinguir Aspeto de modo de ação, pois o primeiro é de natureza gramatical (realizado em línguas como o português através de morfemas flexionais), enquanto o segundo é de natureza lexical. Esta distinção pode não ser completamente adequada, isto é, pode veicular-se informação aspetual idêntica recorrendo a diferentes processos linguísticos, tal como verificamos em Oliveira (2003: 133).

Quanto ao Aspeto, num primeiro momento, devemos distinguir eventos de estados. De uma maneira breve, os eventos são dinâmicos e os estados não o são.

Vendler (1967) propõe vários testes para distinguir estados e eventos. Os eventos podem ocorrer no Imperativo e nas construções no progressivo, os estados, não. Há ainda outro teste que consiste em colocar o adverbial “neste momento”, que identifica estados, e o advérbio “habitualmente”, que define eventos, no contexto de certos tempos gramaticais, como o Presente do Indicativo. Vejamos então alguns exemplos presentes em Leal, Oliveira, Silvano, Ferreira e Silva (2015), que ilustram a aplicação destes testes a um evento (cf. (4) e (5)) e a um estado (cf. (6) e (7)).

- (4) Ana, come a sopa!
- (5) A Ana está a comer a sopa.
- (6) \*Ana, sê alta.
- (7) \*A Ana está a ser alta.

Seguindo a classificação de Moens (1987), os eventos podem ser télicos ou atélicos, ou seja, tender para um fim ou não, e podem ser durativos ou não durativos, isto é, ter ou não duração. Os eventos télicos podem ser processos culminados (duração razoavelmente longa) ou culminações (duração muito breve ou nenhuma). Outro tipo de eventos são os processos, distinguindo-se por serem atélicos e durativos. Há ainda os pontos, que são eventos não durativos, isto é, temporalmente indivisíveis, e não admitem um estado resultante, distinguindo-se desta forma das culminações. O quadro seguinte sistematiza esta classificação aspetual:

	dinâmico	télico	duração	estado consequente	homogéneo
processo	+	-	+	-	+
processo culminado	+	+	+	+	-
culminação	+	+	-	+	-
ponto	+	(-)	-	-	-
estado	-	-	+	-	+

**QUADRO 1.** Classificação Aspetual (Oliveira 2003: 137)

### 2.3- *Valores do presente*

O Presente do Indicativo no português dá informação exclusivamente temporal apenas com estados, enquanto, com eventos, a mera expressão da sobreposição ao momento da enunciação se restringe a relatos diretos e ao uso de relatos performativos.

Oliveira (2003: 154-155) propõe, para o Presente, diferentes valores, como podemos verificar abaixo:

- a) Presente Real
- b) Presente Habitual
- c) Presente com projeção para o Futuro
- d) Presente Histórico
- e) Presente com valor modal próximo do deôntico

O Presente do Indicativo caracteriza-se por estabelecer uma relação de sobreposição com o momento de fala. Assim, no exemplo (8), que corresponde ao Presente Real, a situação representada é um estado e não pode ser delimitada, ou seja, sabemos apenas que ela decorre no momento de fala:

(8) A Rita vive em Paris.

No entanto, tal como já foi referido, sabemos que o Presente do Indicativo pode ter outros valores. Para podermos verificar alguns deles, vejamos alguns exemplos encontrados em Baldé (2013: 5-6):

(9) O Pedro fuma. (Presente Habitual)

Neste exemplo, os pontos de fala, do evento e de referência coincidem, tal como acontece no Presente Real. Contudo, este Presente tem uma leitura de habitualidade. Nestes casos, tal como refere Silvano (2002: 16), “uma situação que constitui um hábito mantém-se no momento presente, embora não se possa dizer que esteja a decorrer nesse intervalo de tempo.” No que diz respeito ao Presente Habitual, existe repetição ou recorrência de eventos, i.e., não é denotado um único evento, mas um conjunto de eventos, a partir dos quais se infere o “hábito”.

(10) A Ana viaja amanhã. (Presente com valor de Futuro)

Verificamos que, neste caso, está representada uma situação que acontecerá no futuro, podendo a frase ser colocada no futuro, o que nos é confirmado pela presença do adverbial “amanhã”. Na linha de Reichenbach, podemos dizer que PE e PR são posteriores a PF.

(11) Naquele dia longínquo de 1750, os revoltosos proclamam a independência da ilha.

Segundo Oliveira (2003: 155), o Presente pode ainda apresentar-se como uma projeção do passado nos usos que são chamados de Presente Histórico. Para este valor ser atribuído, é necessário que o contexto contenha algum tipo de referência a um tempo passado e se admita uma determinada sequência de situações, como é apresentado parcialmente em (11). Neste exemplo, não temos o caso da sequência de situações, temos apenas um evento, “proclamar a independência da Ilha”.

(12) Sais do aeroporto e, à tua direita, encontras a paragem de autocarros. Apanhas o autocarro 34.

Temos ainda casos de Presente que é usado em instruções, tendo um valor modal aproximado do deôntico, na medida em que exprime determinados objetivos a atingir pelo alocutário (cf. Oliveira 2003: 155).

(13) Uma nova denúncia da Amnistia Internacional feita ontem em Sydney pelo director da secção australiana afirma que a tortura é utilizada de modo tão rotineiro para obter confissões de presos políticos que «se institucionalizou».

No caso de (13), segundo Silvano (2002), percebemos que existe um Presente do Indicativo com valor de Pré-Presente, em que as situações narradas são eventos e ocorrem antes do momento de enunciação do relato. O Presente pode ser temporalmente interpretado como um Pretérito Perfeito.

#### 2.4 - Notícias

Para uma melhor compreensão do *corpus* recolhido e analisado, será importante explicar sucintamente alguns aspetos relativamente à definição e à estrutura das notícias.

A notícia é o tipo do género jornalístico mais comum: corresponde a um texto informativo, relativamente curto, com uma linguagem clara e direta, tendo de haver, tal como em qualquer género (jornalístico ou não) coerência e coesão. Para ser considerada notícia, deve ser atual e verídica, não se caracterizando por ser impressionista, mas procurando captar a atenção do leitor.

A notícia tem de relatar um facto natural, político, social, económico ou cultural considerado relevante, merecedor de divulgação nos diferentes tipos de *media*. O papel do jornalista é o de transformar em texto o que acontece *in loco*, devendo qualquer notícia responder às perguntas base que são: “Quem? Quando? Onde? Como? Porquê?”.

Quanto a algumas características linguísticas, segundo Gradim (2000: 147), os verbos utilizados devem surgir preferencialmente no Presente do Indicativo, mesmo quando se referem a acontecimentos do passado. No caso do Condicional, este só deve ser usado em casos específicos, pois este tempo verbal suscita dúvida no leitor e só é usado quando o jornalista pretende que tal continue a suceder, sabendo-se que, por princípio, o objetivo do jornalista não é o de suscitar dúvidas. Os verbos de ação e de movimento constroem frases com carácter mais forte, de acordo com o mesmo autor.

Como já foi referido, o *corpus* recolhido é constituído por notícias de rádio e por notícias de jornais *online*. Apesar de em ambos os meios de comunicação serem transmitidas notícias, respeitando-se os conceitos básicos que as caracterizam, as estruturas são diferentes. Em linhas gerais, irão ser descritas algumas das regras e características dos tipos de notícias que estão na base do desenvolvimento deste projeto de investigação.

#### 2.4.1. Notícias de rádio

Numa notícia para rádio, a base é o som. Esta notícia é ouvida apenas uma vez e, por esse motivo, são repetidos algumas vezes pontos-chave da informação que se pretende transmitir. A base do radiojornalismo é a técnica em espiral, isto é, iniciamos sempre pela notícia, passamos para as fontes, é dada a informação, recorrendo ou não ao Registo Sonoro (abreviado para RM daqui para a frente), e para terminar volta-se à ideia inicial (a notícia propriamente dita), acrescentando algum pormenor que não foi referido anteriormente. Outra técnica também usada é a da pirâmide invertida, que consiste em colocar a notícia por ordem do mais importante para o menos importante.

Apesar de as notícias de rádio serem escritas previamente, são-no para serem transmitidas oralmente, o que implica a presença de algumas marcas da oralidade. Para além disso, a extensão das notícias neste meio de comunicação social é, por norma, curta; recorre-

se a uma grande capacidade de síntese, sendo uma espécie de lema o “dizer o máximo com o mínimo de palavras”, pois a maior condicionante é o tempo de emissão. As frases são curtas e simples, há uma grande variedade de recursos lexicais, pois, tratando-se de textos breves, é importante não haver repetições exageradas das mesmas palavras.

Uma das regras que contribuíram para a escolha deste género para a constituição do nosso *corpus* é a que preconiza evitar tempos do passado e do futuro, e dar preferência ao Presente do Indicativo. Quando não se conseguem evitar os outros tempos verbais, tenta-se sempre justificar a atualidade (principalmente no contexto de tempos do passado). Com um menor uso de tempos verbais variados, o ouvinte não ficará tão confuso com a informação que está a ser transmitida. Podemos encontrar estas regras descritas em livros de estilo das rádios<sup>2</sup> e ainda em Santos (2008).

#### 2.4.2. Notícias de Jornais Online

As notícias de jornais *online* constituem um tipo híbrido, pois juntam algo que normalmente seria lido em papel, os jornais, com a Internet, o *online*. Este tipo de *media* diferencia-se um pouco dos jornais impressos por poder ser atualizado a qualquer momento; porém, não entraremos aqui neste género de discussão, pois, apesar de tudo, esta característica não influencia os objetivos do nosso estudo. A estrutura básica de uma notícia é o antetítulo (caso exista), o título, o *superlead* (caso exista), o *lead* e o corpo da notícia.

As notícias de jornais podem seguir três formas distintas de organização, que são a Pirâmide Normal – quando os factos são apresentados pela ordem dos acontecimentos –, a Pirâmide Mista – primeiro o mais importante e, de seguida, uma pirâmide normal – e a Pirâmide Invertida – tal como já foi sucintamente explicado no ponto 2.4.1, parte-se do mais importante para o menos importante. Estas notícias, por serem mais longas, devem chamar a atenção, pois dependem disso para serem lidas. Daí a existência de títulos chamativos que despertem o interesse do leitor, seguindo-se o *lead*, que conta a parte mais importante da notícia (ou seja, o clímax), provocando no leitor a vontade de saber todos os pormenores e, por fim, o corpo da notícia, que apresenta os diferentes factos.

Como em todos os tipos de textos jornalísticos, existem algumas regras na utilização dos verbos e tempos verbais e, mais uma vez, há uma preferência pelo uso do Presente do Indicativo. Também se salienta o uso de verbos de ação e de movimento, sendo mesmo dito nos manuais de estilo que o objetivo é não serem expressos estados. A não utilização do

---

<sup>2</sup> <https://jpn.up.pt/documentos/livro-de-estilo-jpn-radio/>

condicional também é uma das características deste tipo de texto, assim como o recurso à voz ativa e a frases simples, em detrimento da adjetivação.

### 3- *Corpus*

Para este estudo, como já foi referido anteriormente, o *corpus* recolhido é constituído por notícias de rádio e notícias de jornais *online*. Numa primeira instância, efetuou-se uma seleção das rádios e dos jornais *online* que estariam na base da análise. Nesta seleção, foi decidido que as notícias de rádio seriam recolhidas na *Rádio Renascença*, na *TSF* e na *Antena 1*, pois estas são consideradas as principais rádios informativas de Portugal. No caso dos jornais *online*, a escolha teve como base aqueles que são mais conhecidos e mais lidos: a recolha foi feita no *Jornal de Notícias*, no *Diário de Notícias* e no *Público*.

Para procedermos à recolha, abordando agora o caso da rádio, foi selecionada a emissão noticiosa das 17h, por se caracterizar como uma das principais horas de notícias e também por ser quase ao fim do dia, sendo as notícias mais atualizadas com informações relativas a acontecimentos ocorridos durante o dia. Desse modo, foi possível verificar se os jornalistas usariam o Presente do Indicativo para relato desses acontecimentos ou se selecionariam outros tempos verbais. Após a escolha da hora, foram gravadas as respetivas emissões para, numa fase posterior, serem transcritas. Os dias das gravações das emissões, efetuadas nas três rádios escolhidas, foram o dia 3 de abril, 6 de abril, 9 de abril e 10 de abril de 2018. O intervalo de dias também foi propositado de modo a recolher notícias de diferentes temas, havendo um caso em que há apenas um dia de diferença para se verificar se seria atualizada alguma notícia dada no dia anterior (recorrendo a tempos do passado). Concluída esta parte, procedeu-se à transcrição de 10 notícias de cada rádio, selecionando assim entre 2 a 3 notícias nos diferentes dias de forma aleatória. Na transcrição, os RMs não foram transcritos, pois o que nos interessa neste estudo é a forma como o jornalista transmite a notícia e não o testemunho de uma determinada pessoa ligada à informação.

Os textos de jornais *online* tiveram como base as notícias de rádio, ou seja, pesquisamos nos jornais já referidos palavras-chave para encontrar notícias com o mesmo tema, pois dessa forma poderíamos verificar se existiriam diferenças significativas entre os tempos verbais na mesma notícia dada nos dois tipos de *media*. Apesar da opção tomada para recolha nos jornais, este não será um parâmetro considerado na análise, uma vez que, como foi mencionado no ponto 2.4.2, as notícias na *web* sofrem alterações a qualquer momento, pelo que o conteúdo não corresponde exatamente ao que é transmitido em rádio. As datas das notícias de jornais *online* são diversificadas; ainda assim, quase todas as notícias são do

mês de abril de 2018, havendo apenas uma de março de 2018. Foram selecionadas 10 notícias de cada jornal. As citações em que era perceptível que uma dada fonte disse exatamente o que estava entre aspas não foram analisadas, correspondendo aos RMs da rádio, pois o que nos interessa neste estudo, tal como já foi referido, é a forma como o jornalista relata a notícia.

A partir desta recolha, podemos salientar dois aspetos potencialmente relevantes: o facto de as notícias de rádio serem mais informais do que as de jornais *online*, devido a todos os fatores já descritos no enquadramento teórico, e ainda a diferença de extensão das notícias, já que as notícias de jornais *online* têm uma maior extensão do que as de rádio. Esta última constatação é pertinente para o ponto seguinte, que é a contabilização dos verbos, dado que a maior ocorrência de determinados verbos em jornais *online* do que na rádio é relativa se considerarmos que os primeiros textos são mais extensos do que os segundos.

#### 4- Metodologia de análise do corpus

Para a análise do *corpus* em questão, foram seguidos alguns passos que será importante referir.

Inicialmente, tal como já foi descrito no ponto anterior, procedeu-se a uma contabilização de todos os tempos verbais que ocorrem ao longo das notícias.

Na fase seguinte, foram recolhidos todos os exemplos encontrados no Presente do Indicativo. Foi nesta fase que foi feita a análise principal deste trabalho. Como o Presente do Indicativo apresenta uma grande variedade de comportamentos semânticos, optamos apenas por considerar frases afirmativas, uma vez que a consideração do efeito da negação nas predicções implicaria a abordagem de questões que estão fora do escopo deste trabalho.

Primeiramente, as situações descritas no Presente do Indicativo foram caracterizadas aspetualmente como estados ou eventos - através dos testes mencionados no enquadramento teórico. Posteriormente, seguindo a proposta de Reichenbach (1947), foram descritas as relações entre o Ponto de Fala, o Ponto de Evento e o Ponto de Referência. Desta forma, conseguimos reconhecer as leituras mais frequentes do Presente do Indicativo.

Após esta fase, procedemos à discussão dos resultados obtidos. Pudemos, deste modo, determinar os valores semânticos mais frequentes do Presente do Indicativo, assim como aqueles que não são tão típicos. As leituras encontradas foram diversas, por vezes não correspondendo às propostas apresentadas na literatura. Todos os exemplos foram descritos, contudo, os exemplos que correspondem a leituras não canónicas do Presente foram apenas problematizados, deixando a sua análise mais profunda para estudos futuros.

De acrescentar ainda que os termos usados para referir as diferentes leituras do Presente são: Pré-Presente (o PE imediatamente anterior a PF), Presente Real (coincidência entre o PE e o PF), Presente com valor de Futuro (posterioridade do PE em relação ao PF), Presente Habitual e Presente Genérico.

### 5- *Ocorrência de verbos no corpus*

Para percebermos se a ocorrência de verbos no Presente do Indicativo era frequente nos dois meios de comunicação jornalísticos, procedeu-se a uma contagem dos tempos verbais. Numa primeira instância, foi usada a ferramenta de anotação *VISL*<sup>3</sup>, que se revelou uma ajuda positiva. No entanto, com o decorrer da análise, verificou-se que o anotador não assumia os complexos verbais, considerando cada um deles individualmente. Para colmatar esta situação, foi feita uma contagem manual das diferentes ocorrências. Com esta contabilização, verificamos que o tempo que é mais frequente na rádio é realmente o Presente do Indicativo, enquanto nos jornais *online* é o Pretérito Perfeito.

O Presente do Indicativo na rádio ocorre 114 vezes e nos jornais *online* 168 vezes. Apesar de se verificar que, nos jornais *online*, há mais ocorrências deste tempo verbal do que na rádio, temos sempre de ter em conta a extensão das notícias recolhidas nos dois *media*, isto é, nas notícias de rádio temos um total de 3846 palavras e nas notícias de jornais *online* temos 11 139 palavras. Verificámos, por exemplo, que o Pretérito Perfeito – que, tal como já foi dito, é o tempo verbal que ocorre em maior número nos jornais *online* –, conta com 236 ocorrências e na rádio apenas com 69. Com estes dados conseguimos provar que, efetivamente, a rádio, por ser ouvida uma vez (apesar de as emissões estarem na Internet, não são por norma consultadas) recorre a um tempo verbal que veicula uma maior atualidade das situações descritas, usando em menor número os outros tempos verbais. No caso das notícias de jornais *online*, observa-se que há uma recorrência maior e até, podemos dizer, mais equilibrada dos restantes tempos verbais. Uma hipótese de explicação para estas características pode passar pelo facto de as notícias poderem ser relidas, caso o processamento com alguns dos tempos verbais seja mais difícil.

Podemos ver, nas tabelas abaixo, o número de ocorrências dos tempos verbais existentes em cada meio de comunicação:

#### **TEMPOS VERBAIS NAS NOTÍCIAS DE RÁDIO**

<b>Tempos verbais</b>	<b>Número de ocorrências</b>
Presente do Indicativo	114
Pretérito Perfeito	69

<sup>3</sup> <https://visl.sdu.dk/visl/pt/parsing/automatic/parse.php>

Infinitivo (com e sem auxiliares)	65
Gerúndio	3
Particípio Passado (com e sem auxiliares)	68
Pretérito Mais-que-Perfeito do Indicativo	1
Progressivo	13
Construções <b>IR</b> + Infinitivo	14
Presente do Conjuntivo	5
Futuro do Indicativo	1
Imperfeito do Indicativo	1
Imperfeito do Conjuntivo	1

**QUADRO 2.** Número de ocorrências dos tempos verbais em notícias de rádio.

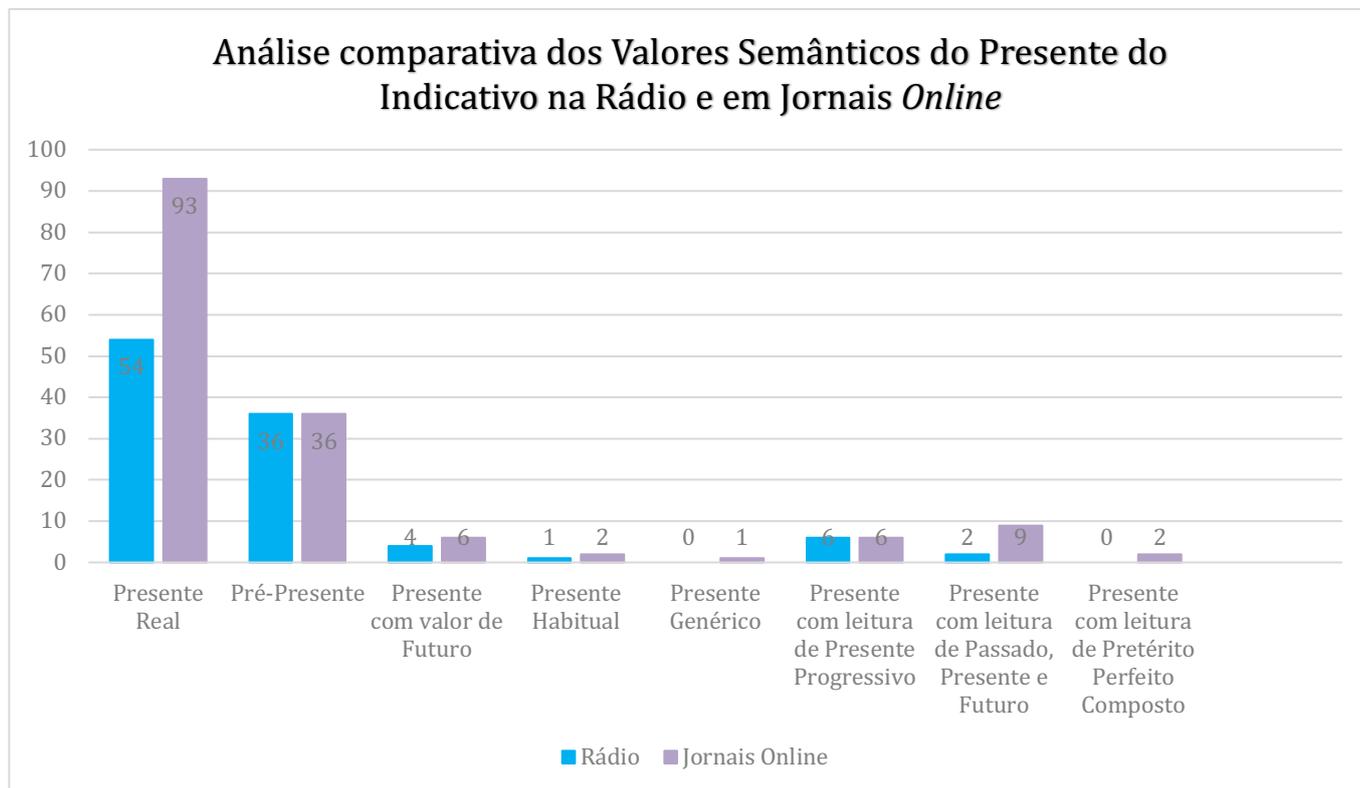
<b>TEMPOS VERBAIS NAS NOTÍCIAS DE JORNAIS ONLINE</b>	
<b>Tempos verbais</b>	<b>Número de ocorrências</b>
Presente do Indicativo	168
Pretérito Perfeito	236
Infinitivo (com e sem auxiliares)	152
Gerúndio	42
Particípio Passado (com e sem auxiliares)	183
Pretérito Mais-que-Perfeito do Indicativo	2
Progressivo	9
Construções <b>IR</b> + Infinitivo	10
Presente do Conjuntivo	8
Futuro do Indicativo	16
Futuro do Conjuntivo	2
Imperfeito do Indicativo	24
Condicional	9

**QUADRO 3.** Número de ocorrências dos tempos verbais em notícias em notícias de jornais *online*

#### 6- *Análise do Presente do Indicativo no corpus*

Para um estudo mais detalhado dos valores semânticos do Presente do Indicativo, serão contemplados alguns exemplos retirados de cada meio de comunicação. Antes de qualquer análise ou explicação dos valores deste tempo verbal, começaremos por fornecer dados quantitativos referentes aos valores do Presente, através de gráficos comparativos. Percebemos que existe uma maior ocorrência do Presente Real nos dois *media*, com 54 ocorrências na rádio e 92 ocorrências nos jornais *online*. O Pré-Presente também se destaca com 36 ocorrências em ambos os meios de comunicação jornalística. Os restantes valores que serão apresentados encontram-se em menor número e, apesar de parecerem não muito significativos, encontraremos ainda casos não canónicos do uso do Presente.

Segue, abaixo, o gráfico comparativo com os diferentes valores semânticos do Presente do Indicativo. Tal como poderemos observar, em jornais *online*, existe uma maior diversidade de leituras associadas a este tempo verbal:



**GRÁFICO I.** Análise comparativa dos valores semânticos do Presente do Indicativo na rádio e em jornais *online*.

### 6.1- *Valores do Presente do Indicativo mais frequentes*

#### 6.1.1. *Presente Real*

O Presente do Indicativo, tal como é referido em Oliveira (2003), tem uma leitura de Presente Real quando ocorre com estados e localiza a situação num intervalo que se sobrepõe ao momento de enunciação. Nas notícias de rádio e nas notícias de jornais *online*, tal como foi referido, encontramos 54 e 93 ocorrências, respetivamente. Salientamos, assim, uma predominância deste valor semântico do Presente do Indicativo. Observemos, então, dois exemplos de cada meio de comunicação para ilustrar este valor:

- (14) A Associação Nacional de Municípios concorda com as propostas do governo para a transferência de competências na área da proteção civil. (TSF, 10 de abril de 2018)
- (15) A NAVE, empresa gestora de tráfego aéreo em Portugal, desde as 11 da manhã que tem indicação de alguns transtornos sobretudo nas descolagens. (Antena 1, 3 de abril de 2018)

- (16) O militar encontra-se em observação, acrescentou. (Jornal de Notícias, 8 de abril de 2018)
- (17) O ex-espião continua em estado crítico, mas a filha recuperou na semana passada e está consciente e capaz de falar, segundo as autoridades. (Diário de Notícias, 3 de abril de 2018)

Verificamos, nos exemplos apresentados, que todas as situações no Presente do Indicativo são estados com valor de Presente Real. O Ponto de Fala, o Ponto de Evento e o Ponto de Referência sobrepõem-se. O Presente Real corresponde a usos do Presente do Indicativo em que a situação descrita inclui, tipicamente, o momento de enunciação. A possibilidade de coocorrência destas predicções com o adverbial temporal “neste momento” valida essa leitura de Presente Real.

#### 6.1.2. *Pré-Presente*

O Pré-Presente, segundo Silvano (2002), surge quando as situações descritas, que são eventos, ocorrem num intervalo de tempo anterior ao momento de enunciação, intervalo esse que corresponde ao momento do relato inicial. Nas notícias de rádio e nas notícias de jornais *online*, tal como se constata nos gráficos apresentados, existem 36 ocorrências em ambos os meios de comunicação jornalística. Salientamos este valor semântico do Presente do Indicativo como o segundo mais utilizado, conferindo às informações ocorridas no passado um valor mais atual. Para ilustrar estes factos, serão apresentados dois exemplos de cada meio de comunicação, que nos permitirão observar melhor o uso que estamos a descrever:

- (18) A comissão informal de artistas diz que o sistema em que o Governo de António Costa impôs na cultura falhou por completo e de forma intransversal. (Rádio Renascença, 3 de abril de 2018)
- (19) O Ministro da Administração Interna estima que estes programas Aldeia Segura e Pessoas Seguras sejam implementados a partir do próximo mês de maio. (Antena 1, 9 de abril de 2018)
- (20) O problema já foi identificado e o sistema deve ser recuperado esta tarde, acrescenta a Eurocontrol numa mensagem no Twitter. (Diário de Notícias, 3 de abril de 2018)
- (21) Governo suspende garantia de potência paga à EDP e à Endesa (Público, 3 de abril de 2018)

Verificamos, em todos os exemplos apresentados, que as predicções relevantes são, em termos de caracterização aspetual, eventos na sua interpretação básica e que, no que diz

respeito às relações temporais, o Ponto de Evento é anterior ao Ponto de Fala. O Pré-Presente é usado em predicacões que caracterizam um dado acontecimento como passado, ou seja, algo que ocorreu antes do momento da enunciaão, intervalo em que a situaão já está terminada. Nesta leitura, é importante ter em conta o contexto, isto é, temos de verificar se o que é dito se refere realmente ao passado. Para se determinar a natureza eventiva das situaões em questão, foram usados alguns testes, nomeadamente a colocaaõ no Progressivo ou no Imperativo.

## 6.2- *Valores do Presente do Indicativo menos frequentes*

O Presente do Indicativo com valor de Futuro ocorre, em muitos dos casos, apoiado por adverbiais, tal como é referido em Oliveira (2003; 2013), entre outros. Nas notícias de rádio há 4 ocorrências e 6 nas notícias de jornais *online*. Verificamos, assim, que a prevalência deste valor semântico é reduzida em notícias, pelo menos no nosso *corpus*. Vejamos alguns exemplos dos dois meios de comunicaão social para comprovar o surgimento do tipo de estruturas em análise:

- (22) O Ministro da Administraão Interna apresenta hoje os programas Aldeia Segura e Pessoas Seguras (...) (Antena 1, 9 de abril de 2018)
- (23) Eduardo Cabrita explica para que vão servir estes programas. **RM** (Antena 1, 9 de abril de 2018)
- (24) Trabalhadores da Infra-estruturas de Portugal fazem greve a 10 e 11 de Maio. (Público, 19 de abril de 2018)
- (25) Cílio Correia disse que, quando cada doente tiver alta e for para casa, leva consigo uma nota informativa. (Jornal de Notícias, 13 de abril de 2018)

Em (22), o evento “apresentar os programas Aldeia Segura e Pessoas Seguras” vai realizar-se após o momento de enunciaão, tendo em conta a localizaão temporal propiciada pelo advérbio “hoje”. Será importante, neste exemplo, ter em conta os fatores contextuais e das propriedades aspetuais básicas da situaão; numa frase como “O ministro está hoje no Porto”, o mesmo adverbial “hoje” favorece inequivocamente uma leitura de sobreposião ao momento da enunciaão, i.e., de Presente Real. Portanto, não poderemos atribuir a leitura futurativa unicamente a este adverbial, tendo em conta que, por natureza, ele não remete obrigatoriamente para o futuro. Em (23), o uso do Presente do Indicativo pode inicialmente sugerir uma leitura de Pré-Presente, mas logo depois de o locutor de rádio pronunciar esta frase, há um RM de *Eduardo Cabrita*, o que quer dizer que este ainda não forneceu explicaões

no momento da enunciação e irá fazê-lo no RM. Este exemplo é um caso interessante pelo facto de o entrevistado, no que respeita à ordenação temporal, já ter dado a explicação; no entanto, no momento em que a notícia é dada, ele ainda vai *explicar* aos ouvintes. No caso (24), temos uma frase em que o Presente projeta para o futuro, tendo em conta a localização temporal de “a 10 e 11 de maio”, que ocorre após o momento de enunciação, que foi no dia 19 de abril, ou seja, está-se a informar no presente acerca de um acontecimento que irá ocorrer num futuro próximo. Por último, temos o exemplo (25), que se refere a algo que acontecerá no momento em que “cada doente tiver alta”, podendo o Presente ser substituído, tal como nos exemplos anteriores, pelo Futuro Simples, isto é, “levará consigo uma nota informativa”. Neste caso, é posta uma possibilidade para uma dada eventualidade que sabemos que ainda não aconteceu. Tal como refere Cunha (2004: 230 *apud* Dala 2013), “sempre que o referido tempo remete para uma localização das eventualidades com que ocorre num intervalo posterior ao ponto de enunciação manifesta uma certa neutralidade, em termos aspetuais, e também uma marcada preferência por uma interpretação sucessiva de eventos”.

No caso do Presente do Indicativo com valor de Presente Habitual, é dada uma interpretação com base num número indeterminado de ocorrências de situações do mesmo tipo, tendo lugar num intervalo de tempo não delimitado, que inclui o momento de enunciação (cf. Cunha 2013, Oliveira 2003, Dala 2013). Nas notícias de rádio, existe apenas 1 ocorrência e, nas notícias de jornais, 2 ocorrências. É um valor do Presente pouco utilizado nos dois *media* em análise. Para exemplificar melhor este tipo de interpretação, temos os exemplos que se seguem<sup>4</sup>.

- (26) Os pais entendem que os profissionais de saúde tudo fazem para dar o melhor tratamento às crianças. (Jornal de Notícia, 10 de abril de 2018)
- (27) No sábado, o Governo Regional da Madeira manifestou o seu desagrado junto das companhias aéreas TAP e EasyJet, as únicas que operam regularmente na região (...) (Público, 9 de abril de 2018)

---

<sup>4</sup> Apesar de estes exemplos, numa primeira leitura, poderem suscitar dúvidas entre uma interpretação habitual e uma interpretação frequentativa, consideramos a primeira, tendo em conta a proposta de Cunha (2005). Segundo este autor “enquanto a frequência denota a simples repetição de situações da mesma natureza num número de vezes considerado relevante, sem, no entanto, impor grandes restrições ao tipo de intervalo em que se localiza e sem dar lugar a significativas alterações em termos aspetuais, a habitualidade, ao requerer um intervalo relativamente longo e um padrão de repetição relativamente “estável”, permite a predicação de cariz inequivocamente estativo” (Cunha 2005: 333). Nestes casos, o uso do Presente do Indicativo e a presença dos adverbiais *sempre* e *regularmente* favorecem a leitura habitual.

Nos exemplos apresentados, a leitura habitual é construída composicionalmente com os adverbiais quantificacionais “sempre” e “regularmente”. Nestes dois casos, o Presente do Indicativo é, portanto, usado para descrever situações habituais.

O Presente do Indicativo é também usado em frases genéricas, que representam características típicas ou essenciais de espécies ou de outro tipo de entidades. Esta leitura de Presente é encontrada apenas 1 vez e somente nas notícias de jornais *online*.

(28) SAD do Sporting diz que polémicas prejudicam contas e pede reunião de acionistas  
(Jornal de Notícias, 10 de abril de 2018)

Neste caso, observa-se uma generalização de situações relativa a “polémicas”. Através desta generalização, há atribuição de uma propriedade à entidade denotada pelo sintagma nominal em posição de sujeito.<sup>5</sup>

### 6.3- *Valores do Presente do Indicativo não canónicos*

No *corpus*, observamos ocorrências de leituras do Presente do Indicativo diferentes daquelas que foram descritas até ao momento. Na verdade, estes casos, tanto quanto sabemos, não são referidos na literatura. Estas interpretações no *corpus* analisado, embora menos frequentes, têm, apesar disso, alguma representatividade. Assim, o Presente com leitura de Progressivo tem 6 ocorrências nos dois meios de comunicação, o Presente com leitura de Presente, Passado e Futuro 2 ocorrências na rádio e 9 em jornais *online* e o Presente com leitura de Pretérito Perfeito Composto tem 2 ocorrências em jornais *online*. Inicialmente, alguns dos exemplos que serão apresentados estavam a ser caracterizados como Presente de Relato, à falta de uma descrição melhor; contudo, esse tipo de leitura de Presente descreve situações que estão a acontecer exatamente no momento de enunciação, por exemplo no decurso de um jogo de futebol. Não é isso que sucede nas construções que aqui vamos explorar. Consideremos alguns exemplos a fim de ilustrar as nossas interpretações:

(27) De resto o Presidente Russo já está na Turquia onde realiza a primeira visita ao estrangeiro desde que foi reeleito. (Antena 1, 3 de abril de 2018)

(28) Crianças fazem quimioterapia num corredor do S. João (Jornal de Notícias, 10 de abril de 2018)

---

<sup>5</sup> Não aprofundaremos a questão da generalidade por ser um assunto complexo que está fora do âmbito do nosso trabalho. Para uma informação mais detalhada sobre o assunto, veja-se Oliveira e Cunha (2015).

(29) No texto os deputados alertam que a Assembleia da República aprovou por unanimidade o alargamento de todas as medidas de apoio às vítimas de Pedrógão Grande. (TSF, 10 de abril de 2018)

(30) (...) lê-se em comunicado enviado à Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM) (Jornal de Notícias, 10 de abril de 2018)

(31) E que funciona há quase dez anos em contentores, fora do edifício central do hospital. (Jornal de Notícias, 10 de abril de 2018)

Os exemplos (27) e (28)<sup>6</sup> correspondem a um Presente com leitura de Progressivo. Verificamos que estas duas frases podem ser parafraseadas por *De resto o Presidente Russo já está na Turquia onde está a realizar a primeira visita ao estrangeiro desde que foi reeleito e Crianças estão a fazer quimioterapia num corredor do S. João*. Conclui-se que este tipo de Presente é usado como uma forma de “cortar palavras”, nomeadamente nos títulos da notícia de jornais *online* e na primeira ou última frase das notícias de rádio (que podemos dizer que equivale a um título). Como os títulos têm de ser breves e chamativos, e a primeira e a última frase na rádio são a notícia propriamente dita (técnica de espiral), justifica-se o uso do Presente do Indicativo em vez do Presente Progressivo.

Passando para o Presente com leitura de Passado, Presente e Futuro, verifica-se que, nos exemplos (29) e (30), o evento descrito é válido no momento de enunciação original e continua a ser válido depois do momento de fala. No caso (29), o alerta permanece após o momento de fala (Futuro) e no momento de enunciação (Presente) e anteriormente a esse mesmo momento (Passado) era também válido. Tem a característica de ser sempre atual. Também no exemplo (30), a situação *lê-se em comunicado enviado (...)* é válida no Passado, no Presente e no Futuro.

No exemplo (31), surge uma leitura de Presente do Indicativo próxima da leitura de Pretérito Perfeito Composto. A opção pelo Presente em vez do Pretérito Perfeito Composto pode resultar do facto de, por um lado, em livros de estilo de jornais e em manuais de jornalista ser dito que os tempos compostos não devem ser usados, pois estes provocam dúvida no leitor/ouvinte e, por outro, o Pretérito Perfeito Composto integrar uma componente temporal de presente.

---

<sup>6</sup> Dado que o exemplo (28) pode suscitar dúvidas quanto à interpretação do Presente, transcrevemos parte da notícia para comprovar que, de facto, é a leitura de Presente Progressivo que ocorre neste caso. Veja-se a parte sublinhada da notícia:

*Crianças fazem quimioterapia num corredor do S. João*

**Pais queixam-se das condições em que os filhos recebem tratamentos no Hospital S. João e no Joãozinho. Unidade garante que tem feito melhorias.**

A quimioterapia pediátrica em ambulatório do Hospital de S. João, no Porto, está a ser feita num corredor.

Todas as leituras exploradas nesta secção são problemáticas e precisam de um estudo mais aprofundado, que está fora do âmbito deste trabalho.

## 7- *Considerações finais*

Após a realização deste estudo podemos retirar algumas conclusões relevantes.

Numa primeira fase, comprovamos que, na rádio, o tempo verbal que é mais comum é o Presente do Indicativo. Esta predominância em termos quantitativos deve-se ao facto de este tempo verbal veicular uma maior atualidade, sendo esta uma das características básicas das notícias. Apercebemo-nos ainda de que existe uma menor ocorrência de diversidade de tempos verbais na rádio comparativamente com os jornais *online*, isto por as notícias serem ouvidas no caso da rádio e lidas no dos jornais. Em notícias de jornais *online*, há um maior equilíbrio entre tempos verbais, podendo dar-se como justificação o facto de os textos poderem ser relidos e de o processamento de diferentes tempos verbais poder tornar mais fácil a descrição do conteúdo noticioso. De qualquer modo, o Presente é o segundo tempo com maior frequência, sendo o Pretérito Perfeito o primeiro.

Na análise realizada, observamos que o Presente do Indicativo com leitura de Presente Real se salienta com 54 ocorrências em rádio e 93 ocorrências em jornais *online*. Existe, assim, uma predominância e, conseqüentemente, uma preferência por esta leitura do Presente. A leitura de Pré-Presente caracteriza-se por ser a segunda mais utilizada, existindo 36 ocorrências em ambos os meios de comunicação. Pode parecer, à primeira vista, que há um uso equivalente; no entanto, note-se que o número de palavras do *corpus* da rádio é de 3846 e o de jornais *online* de 11 139. Ainda relativamente ao Pré-Presente, percebemos que é usado para tornar as informações ocorridas no passado mais atuais. Assiste-se, portanto, a uma estratégia de presentificação.

O Presente do Indicativo com valor de Futuro, de Habitualidade e Genérico ocorrem com pouca frequência no nosso *corpus*. No caso do Presente com valor de Futuro, na maioria dos casos, é apoiado por advérbias que localizam as situações num intervalo de tempo futuro, havendo apenas 4 ocorrências em rádio e 6 em jornais *online*. O Presente Habitual, que se refere a situações habituais, não ocorre com frequência em notícias, havendo apenas 1 em rádio e 2 em jornais. Esta frequência reduzida justifica-se pelo facto de as notícias não terem como objetivo descrever hábitos, rotinas, mas sim situações episódicas. Por sua vez, o Presente Genérico, usado em frases genéricas, é quase nulo, havendo apenas uma ocorrência em notícias de jornais *online*, o que seria de esperar dada a natureza do *corpus* analisado: não se pretende descrever propriedades de entidades, mas sim relatar acontecimentos.

Foram encontrados no *corpus* alguns exemplos de valores não canónicos do Presente e que, em estudos futuros, merecem uma atenção especial. O Presente com leitura de Presente Progressivo, encontrado 6 vezes em cada meio de comunicação, é usado como uma forma de sintetizar a informação, nomeadamente nos títulos (em jornais *online*) ou na primeira e última frase (em rádio), que correspondem ao conteúdo da notícia, equiparável ao título. Tendo os títulos de ser breves e chamativos e a primeira e a última frase constituírem essencialmente a notícia, justifica-se este uso. A interpretação do Presente com leitura de Passado, Presente e Futuro, com 2 ocorrências na rádio e 9 ocorrências em jornais *online*, surge quando a situação descrita não é só válida no momento de enunciação original, mas continua a ser válida antes, durante e depois do momento de enunciação do relato. Estes casos têm sempre valor de atualidade, independentemente da altura em que é dada a notícia. Em relação ao Presente com leitura de Pretérito Perfeito Composto, há poucas ocorrências, que encontram justificação no conselho dado em livros de estilo dos jornais e em manuais do jornalista para evitar os tempos compostos e também na componente temporal de presente que este tempo verbal comporta.

Em estudos futuros, seria interessante, por um lado, comprovar os usos descritos do Presente num *corpus* mais alargado, com dados não só do género jornalístico, mas também de outros géneros. Por outro lado, seria relevante também aprofundar os valores não canónicos do Presente do Indicativo, de forma a verificar se estas leituras são, ou não, características do género jornalístico, em particular da notícia.

## REFERÊNCIAS

- Baldé, M. 2013. *Semântica do tempo presente em Pulaar, Francês e Português: estudo comparativo*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Barbosa, J. B. & Cruz, R. C. V. 2013. *Os valores semânticos do presente do indicativo no português brasileiro: um estudo em blogs*. In *Entretextos*, Londrina, volume 13, número 1, 53-79.
- Cunha, L. F. 1998. *As construções com progressivo no Português: Uma abordagem semântica*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Cunha, L. F. 2004. *Semântica das Predicações Estativas: para uma Caracterização Aspectual dos Estados*. Dissertação de doutoramento, Universidade do Porto. Publicado (2007). Munique: Lincom GmbH.
- Cunha, L. F. 2006. "Frequência vs. Habitualidade: Distinções e Convergências". In *Actas del XXXV Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística*. León, Sociedad Española de Lingüística, 333-357. Disponível na Internet em: <http://www3.unileon.es/dp/dfh/SEL/actas/Cunha.pdf>
- Cunha, L. F. 2013. "Aspetto". In Raposo, E. P., Nascimento, M. F. B., Mota, M. A., Segura, L. & Mendes, A. (orgs.) *Gramática do Português*, Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 585-622.
- Dala, R. S. B. 2013. *Sobre a semântica do tempo Presente em Português Europeu e Português de Angola*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

- Ilari, R., Oliveira, F. & Basso, R. 2016. "Tense and aspect: a survey". In Wetzels, W. L., Costa, J. & Menuzzi, S. (eds.) *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Oxford: Wiley Blackwell.
- Gradim, A. 2000. *Manual do Jornalismo*. Estudos em Comunicação, Universidade da Beira Interior.
- Leal, A.; Oliveira, F.; Silvano, P.; Ferreira, I.; Silva, F. 2015. *Tempo e Aspeto em "Famílias desavindas", de Mário de Carvalho*. In Ferreira, E., Viegas, F.; Aldo, J.P, Redes, L., Ferreiro, P. & Cunha, T. (orgs.) *Atas do 11.º Encontro Nacional da APP - Literatura e Gramática. Um diálogo infinito*. Lisboa: Associação de Professores de Português.
- Lopes, A. C. M. & Santos, P. 1993. "A Condicionalidade das Frases Genéricas". In *Cadernos de Semântica*, número 17. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Lopes, A. C. M. 1995. "Para uma análise semântica dos tempos do presente em Português". In *Cadernos de Semântica*, número 21. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Moens, M. 1987. *Tense, Aspect and Temporal Reference*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Edimburgo.
- Oliveira, F. 1994. "Algumas Peculiaridades do Aspecto em Português". In *Actas do Encontro Internacional sobre o Português*, Vol. II. Lisboa: APL/Colibri, 151-190.
- Oliveira, F. 2003. "Tempo e Aspecto". In Mateus, M. H., Brito, A., Duarte, I. & Faria, I. (orgs.) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho, 5.ª edição, revista e aumentada, pp. 127-178.
- Oliveira, F. & Lopes, A. C. M. 1995. "Tense and Aspect in Portuguese". In Thieroff, R. (ed). *Tense Systems in European Languages II*. Tübinga: Max Niemeyer Verlag, 95-115.
- Oliveira, F. 2013. "Tempo verbal". In Raposo, E. P., Nascimento, M. F. B., Mota, M. A., Segura, L. & Mendes, A. (orgs.) *Gramática do Português*, Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 509-556.
- Santos, H. s.d. *Manual de Jornalismo de Rádio*. Lisboa: Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas (CENJOR).
- Silvano, P. 2002. *Sobre a semântica da sequência de tempos em Português Europeu. Análise das relações temporais em frases complexas com completivas*. Dissertação de mestrado, Universidade do Minho.
- Silvano, P. 2010. *Temporal and rhetorical relations: the semantics of sentences with adverbial subordination in European Portuguese*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Tavares, Â. M. R. 2001. *Tempo e Aspeto do tempo Presente*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Vendler, Z. 1967. "Verbs and Times". In *Linguistics in Philosophy*. Nova Iorque: Cornell University Press, 4, 97-121.

# TRADIÇÕES E MUDANÇAS DISCURSIVAS DE CARTAS EPISTOLARES

Raquel Oliveira Carvalho Araújo<sup>1</sup>

raquel.araujo.126@gmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO, PORTUGAL

RESUMO. O presente trabalho, realizado no âmbito da área da Pragmática Histórica, com influências da Teoria das Tradições Discursivas e da Teoria da Gramaticalização, tem como principal objetivo analisar as diferentes tradições discursivas em textos epistolares do português moderno, expondo as formas de evolução da língua até aos dias de hoje. A análise do *corpus* baseou-se nos exemplos das cartas formais “Cartas às Raparigas” encontradas na revista *Mocidade Portuguesa Feminina: Boletim Mensal*.

PALAVRAS-CHAVE. Tradições Discursivas, Cartas Epistolares, Pragmática Histórica.

ABSTRACT. This paper aims to explore the area of Historical Pragmatics, but also within the framework of Discursive Theory and Grammaticalization Theory. The main objective is to analyse the different discursive traditions in epistolary letters written in Modern Portuguese, exposing the evolution that the language suffered until nowadays. The analysis of the corpus was made using examples from “Cartas às Raparigas” from the magazine *Mocidade Portuguesa Feminina: Boletim Mensal*.

KEYWORDS. Discursive Traditions, Epistolary Letters, Historical Pragmatics.

## 1 - Introdução

“Historical pragmatics is a very young field of scientific enquiry. It combines the methodologies of pragmatics, which is itself still quite young, and historical linguistics, which can look back on a long tradition. Pragmatics may be defined very crudely as the study of language in use, while historical linguistics is concerned with the investigation of earlier stages of particular languages and their diachronic development”.

(Andreas H. Jucker 1995: IX)

---

<sup>1</sup> Estudante do 1.º ano do Mestrado em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O presente estudo trata o tema de tradições e mudanças discursivas de cartas epistolares em textos encontrados num *corpus* online. A intenção é revelar a evolução linguística presente e a análise, estruturação e funcionamento dos textos com recurso a elementos teóricos e instrumentos metodológicos da Pragmática Linguística.

O homem necessita de comunicar. É algo que faz parte da sua natureza enquanto ser humano. A comunicação é a ferramenta que possibilita a interação com outros, podendo ser expressa pelas suas formas mais básicas: a escrita e/ou a fala. Neste trabalho o foco será na escrita, pois é através desta que é possível determinar as evoluções que, ao longo do tempo, a língua tem vindo a sofrer, visto que as mesmas se encontram registadas em papéis, pergaminhos, gravações em pedras, madeira, etc., tornando-se assim provas muito importantes e interessantes. Estes elementos, que se encontram em bom estado de conservação, são usados como provas físicas deixadas pelos antepassados, de modo a que a sua análise seja feita de forma mais rigorosa e aprofundada, algo que na fala não é possível alcançar, uma vez que esta se encontra em constante mudança.

Para a análise deste estudo utilizamos artigos das “Cartas às Raparigas” presentes na revista *Mocidade Portuguesa Feminina: Boletim Mensal*. Estas cartas não possuem a estrutura típica das cartas epistolares, porque estão, de certa forma, disfarçadas de cartas familiares, o que se deve ao facto de se encontrarem numa revista dos anos 40 com uma ideologia ditadora muito forte. Os artigos analisados encontram-se em espaços já reservados na revista e nessas colunas discutem-se problemáticas típicas das mulheres daquela época, ou seja, o objetivo dos pequenos artigos era fornecer às leitoras uma imagem do que visava ser a “mulher perfeita dos anos 40”, fazendo com que as mesmas seguissem as regras que lhes eram impostas, sem as questionarem.

Nos diversos tipos de cartas, como as pessoais, as institucionais, as de agradecimento, as de condolências, entre outras, trataremos apenas de estudar e analisar as cartas epistolares. Isto porque, dentro deste género, observamos que existe uma tentativa de aproximação entre o leitor e o escritor, embora estes não estejam no mesmo espaço físico e temporal. Na revista, a autora das cartas tenta impor às suas leitoras a sua ideologia e, de certo modo, obrigá-las a obedecer a determinadas regras impostas às mulheres naquela época.

### 1.1 - O interesse na área da Pragmática Histórica

Os textos na área da Linguística têm um papel fundamental, especialmente por se tratarem do material de trabalho mais usado e pelos leitores estarem em contacto com eles todos os dias, independentemente do seu género ou origem.

O presente tema despertou interesse por ser possível estudar a origem e a evolução do português, que, por vezes, não são tão claras e exatas. A complexidade e as particularidades que existem tanto ao nível da escrita como ao nível da fala despertaram-nos uma certa curiosidade, na medida em que tentamos analisar as mudanças que a língua sofreu com a ajuda de exemplos reais, mais concretamente, através do uso de artigos da revista *Mocidade Portuguesa Feminina: Boletim Mensal*.

Nos dias que correm, o tipo de comunicação patente nestas cartas não se prende apenas ao papel, ela pode ocorrer em diálogos que temos nas redes sociais. Com os avanços tecnológicos, tornou-se muito mais fácil ter contacto direto com textos, seja através das redes sociais ou através de livros disponíveis em plataformas *online*.

### 1.2 - Apresentação da revista *Mocidade Portuguesa Feminina: Boletim Mensal*

A revista *Mocidade Portuguesa Feminina: Boletim Mensal* foi fundada pelo Estado Novo, entre maio de 1939 e abril de 1947, em Lisboa. As publicações jornalísticas da época visavam formar uma ideologia nacionalista e cristã na mentalidade das raparigas portuguesas, bem como tentar transmitir às mesmas o ideal feminino dos anos 40.

Segundo a ficha histórica, a revista dirige-se, principalmente, às estudantes das classes mais altas, tentando constituir uma elite feminina. Em termos estatísticos, a *Mocidade Portuguesa Feminina*, em 1940, chegou apenas a 5,2% das alunas do ensino primário, mas em relação aos ensinos médio, secundário, técnico e liceal abrangeu 93%.

No boletim da *Mocidade Portuguesa Feminina*, existe uma forte imposição da ideologia salazarista. Este tinha como objetivos ensinar às leitoras o que vestir, como falar corretamente, como ocupar os tempos livres, o que fazer durante as férias, entre muitos outros. É também notório o uso da segunda pessoa do plural que justifica o tom diretivo e deontico dirigido às leitoras, cativando-as através do apelo direto.

Nesta revista realça-se a colaboração de Maria Joana Mendes Leal, que integrou a Junta Nacional de Educação, no ano de 1939, onde defendeu o caráter ideológico da *Mocidade Portuguesa Feminina* e os princípios católicos e nacionalistas do Estado Novo. Salienta-se também Maria Guardiola, que desempenhou alguns cargos importantes, como Comissária Nacional da *Mocidade Portuguesa Feminina*.

## 2 - Enquadramento teórico

Como ponto introdutório, é importante fazer uma breve referência a algumas das palavras-chave que surgem como pontos de interseção ao longo deste trabalho. Pragmática

Histórica, Pragmática Linguística e Linguística Histórica são alguns dos termos que abordaremos apenas para enquadrar o leitor ao longo deste estudo e que também funcionarão como ponto de partida para as abordagens que este trabalho emprega.

Quando falamos em Pragmática Histórica, podemos dizer que esta “representa uma aproximação teórico-metodológica relativamente recente em Linguística Histórica e constitui mesmo uma das primeiras tentativas de estudo de textos jurídicos medievais nesta ótica” (Barros, 2010: 15). Esta área de investigação interdisciplinar cruza domínios teóricos da Pragmática Linguística e da Linguística Histórica que permitem descrever como era usada a língua, como se apresentava ou demonstrava a sua evolução, bem como o desenvolvimento dos seus elementos linguísticos num determinado período.

Relativamente à Linguística Histórica e à Pragmática Linguística, segundo Presch (1981), existem dois caminhos que estes termos podem seguir: a Linguística Histórica torna-se “pragmática” ou a Pragmática Linguística torna-se “história”. No primeiro caso, se a Linguística Histórica passar a comportar-se como a Pragmática Linguística, nela “(...) descreve-se o desenvolvimento de uma língua ou a mudança linguística sob alteração de circunstâncias.” (Barros, 2010: 20), isto é, o foco permanece sobre a mudança linguística. Enquanto que, no segundo caso, contrasta com a dimensão anterior, pois nela “investiga-se o uso da língua no passado” (Barros, 2010: 20), existindo uma centralidade na descrição das convenções do discurso que eram efetivas em estados linguísticos passados.

Andreas Jucker e Andreas Jacobs propõem duas perspetivas diferentes como tentativa de clarificar o problema entre a distinção dos termos acima referidos. As duas abordagens adotadas pelos autores são: Pragmáfilologia e Pragmática Diacrónica. Barros (2010) explica bem o que cada uma destas abordagens na sua essência são, bem como em qual perspetiva cada uma delas se foca: a Pragmáfilologia “é a perspetiva de estudo e descrição dos aspectos textuais e contextuais de textos históricos, incluindo nomeadamente a relação entre locutor e alocutário, o objetivo do texto e as condições de produção e receção” (Barros, 2010: 21). A Pragmática Diacrónica foca-se na evolução do inventário linguístico e no seu uso comunicativo através de diferentes estádios da mesma língua. Nesta perspetiva existem dois pontos de vista. O primeiro trata-se de uma forma linguística para investigar a alteração dos sentidos discursivos do elemento escolhido para a observação. O último faz alusão às funções discursivas para investigar as diferentes realizações formais dessa função ao longo do tempo.

## 2.1 - Vantagens e desvantagens da análise de cartas epistolares

Os termos *emissor* e *recetor* na plataforma do Dicionário Terminológico da Língua Portuguesa (DT) designam: o *emissor*, dentro de um determinado contexto espaço-temporal, realiza com intenção um ato de comunicação produzindo enunciados, discursos e textos orais ou escritos. Este possui competências linguísticas, conhecimento do mundo, crenças, ideologias, etc., tentando transmiti-las ao seu recetor com o valor implícito de persuasão. O *recetor* é aquele que recebe e interpreta um discurso ou um texto, podendo ser ouvinte, leitor ou interlocutor. Pode estar presente ou ausente na situação comunicativa e pode haver vários recetores. Neste caso, estamos perante um público vasto, embora haja apenas um emissor, obterá não só um recetor, mas sim bastantes recetores.

Noutras entradas de dicionário conseguimos observar que, por vezes, o significado de emissor pode variar – fazendo alusão à emissão enquanto fabrico de moeda ou papel-moeda (Dicionário Universal Fundamental 1998: 284) –, porém, o significado de recetor permanece, na essência, quase igual. Ele é o que recebe a informação de uma comunicação.

Dito isto, a carta acarreta com a seguinte informação:

<b>Carta Formal</b>	
<b>Utilização</b>	Permite a comunicação entre pessoas. Os recetores podem pertencer ou não ao círculo de amigos/família, fazendo com que o nível de formalidade varie entre eles.
<b>Vantagens</b>	Exigência de comunicação com outros. Linguagem e léxico cuidados e formais, bem como as formas de interação, abertura e despedida, variando entre os destinatários.
<b>Desvantagens</b>	O material é papel e geralmente é sempre uma mensagem única. No caso do uso do papel são necessários um selo e a informação de a quem se dirige a carta bem como ter em conta o tempo que a carta pode demorar a chegar ao seu destinatário, ou seja, o contacto com o destinatário não é imediato.

**QUADRO I.** Vantagens e desvantagens do uso das cartas

## 2.2 - Definição de texto

“O texto é prototipicamente uma sequência autónoma de enunciados, orais ou escritos, de extensão variável – um texto pode ser constituído por um único e curto enunciado ou por um número elevadíssimo de enunciados –, com um princípio e um fim bem delimitados, produzido por um ou por vários autores, no âmbito de uma determinada memória textual e de um determinado sistema semiótico (...), e cuja concretização ou actualização de sentido é realizada por um leitor/intérprete ou por um ouvinte/intérprete.”

(Dicionário Terminológico da Língua Portuguesa (DT))

Tentar definir *texto* pode resultar no começo como algo relativamente fácil, mas na verdade é mais complexo do que aparenta. Como Silva (2012) afirma: “o texto é o produto verbal em cuja análise se pretende focalizar as propriedades do âmbito da sua organização interna”, ou seja, num texto existem elementos a serem estudados por serem ricos em informações relevantes para a interpretação do mesmo, podendo ser mais fácil estabelecer a mensagem que o autor pretende transmitir.

### 2.3 - Definição de Autor e Leitor

Quando existe um texto, existe obrigatoriamente um autor e um leitor. No caso deste trabalho, um autor e diversas leitoras. O termo *autor* “designa o produtor de um texto, oral ou escrito, literário ou não literário. O autor é geralmente um indivíduo singular (...)” (Dicionário Terminológico - DT). O termo *leitor* designa uma “pessoa existente na realidade, historicamente determinada, que lê um texto e que constitui uma das suas instâncias interpretativas” (Dicionário Terminológico - DT). Tal como o autor, existem muitos exemplos de modelos de leitor, mas o que se procura é que seja possível estabelecer uma relação, ou quase um diálogo, entre autor e leitor a partir de, como já fora indicado, textos ou diálogos.

### 2.4 - Cortesia, Pergunta, Injunção, Crítica e Desacordo

“A *cortesia* evocará fortemente regras de etiqueta enquanto *delicadeza* será sentido como mais abrangente, incluindo a interioridade – ou, em termos linguísticos a *intencionalidade* – e as suas manifestações”.

(Carreira 2014:29)

Como já referimos anteriormente, os textos também possuem cortesia e por isso achamos interessante fornecer algumas definições que especificam a diferença presente em alguns dos termos referidos. Devemos ter cuidado para não confundir cortesia com atenuação; isto porque a cortesia está diretamente relacionada com a intenção e a atenuação ligada à “teoria das faces” de Erving Goffman, tal como Carreira explica, “funda-se no respeito do indivíduo enquanto entidade social, com as suas faces positiva e negativa” (Carreira, 2014: 35). Através das faces que são expostas, a cortesia pode ser dividida em: cortesia negativa – “proteção do território do eu” – ou cortesia positiva – “valorização da imagem do alocutário” (Carreira, 2014: 35).



Primeiramente, apresentamos uma tabela com o objetivo de provar que nas cartas analisadas existe um padrão que é comum nas formas de abertura e de fechamento. Em segundo lugar, segue-se uma análise dos elementos linguísticos, dos marcadores discursivos mais frequentes nos textos analisados, bem como a indicação de seus respectivos valores, seguida de uma pequena discussão. Concluimos este estudo com as considerações finais as referências bibliográficas.

#### 4 - *Análise dos dados*

Como já foi referido, as “Cartas às Raparigas” encontram-se numa coluna da revista *Mocidade Portuguesa Feminina: Boletim Mensal* (M. P. F.).

Na sua verdadeira essência, estamos perante “cartas familiares” e não “cartas formais”. Existe este “disfarce”, em termos de nomenclatura, pois o tipo de informação que é possível encontrar nestes textos foca os ideais salazaristas. A autora dos artigos tenta impor tal ideologia e demonstra que tipos de comportamentos e até de atitudes as mulheres dos anos 40 devem ter e seguir. As cartas, no entanto, apresentam características que parecem contradizer-se, ou seja, neste tipo de cartas o nível de formalidade usado nos textos não é tão elevado como seria de esperar em cartas formais e o mesmo se passa na relação pouco distante entre o recetor e o emissor, algo que não seria de esperar vindo de uma carta formal.

O tipo de distanciamento que é imposto pela autora está possivelmente relacionado com a proximidade com as suas leitoras, violando assim o nível de hierarquia que parece ser imposto nestas cartas, quase como se nas cartas a autora fosse uma figura de alto nível e as suas leitoras as suas seguidoras fiéis. Ou seja, a mesma quer que o seu público-alvo a veja não como uma impositora de uma determinada ideologia e que no fundo as obriga (ainda que de uma forma indireta) a seguir a mesma ideia, mas quer que a vejam no fundo como uma amiga, uma pessoa que lhes é chegada e querida.

<b>Cartas</b>	<b>Assunto</b>	<b>Forma de Abertura</b>	<b>Forma de Fechamento</b>
<b>n.º49</b>	Apelo da autora às leitoras para que sejam sempre sinceras e que se mantenham longe do que é “artifício”.	Queridas Infantas, Lusas, Vanguardistas	Queridas raparigas da M.P.F
<b>n.º50</b>	Pedido de cartas às filiadas; a autora não tem recebido nenhuma o que lhe permite partilhar um exemplo conhecido da mesma.	Nenhuma filiada	Desisti de ouvir outras razões de desistência, ou melhor, da deserção ...

n.º51/5 2	As obrigações que as raparigas têm durante o tempo das férias, lembrando que não devem adquirir hábitos menos aceitáveis.	Queridas raparigas	Acabo já esta carta amiga
n.º54	Reprovação de quem não respeita os mais velhos, fornecendo um exemplo com o objetivo de apelar ao lado mais sensível das leitoras.	Querida infanta	E muito mais teria a dizer-vos sôbre a carta da jovem Infanta ...
n.º58	Sugestões dadas para a prática de causas humanitárias. O sentimento que é criado ao saber que se marcou a diferença	Queridas amiguinhas	Queridas raparigas
n.º59	O ato de uma mulher achar que tem uma autoridade elevada em certos assuntos é colocada em questão e aprendido.	As raparigas	Queridas raparigas
n.º60	Tentativa de apelo a que as leitoras sejam cristãs e não coloquem isso em causa como a rapariga que lhe escreve defendendo que não é necessário ser-se cristã para mostrar sentimentos.	Rapariga de 17 anos	E muito teria ainda a dizer sôbre o assunto
n.º62	O ato insultuoso das leitoras ao escrevem à autora questionando os seus textos e as suas ideologias quando lhe dizem que ela é “anticuada”.	Queridas amiguinhas	É a paz da consciência: nada existe no mundo de mais suave e delicioso do que ela
n.º63/6 4	As obrigações que as raparigas não devem esquecer e que devem praticar mesmo em tempo de férias.	Queridas filiadas da M.F.P	Queridas amiguinhas

**QUADRO II.** Assunto e formas de abertura e fechamento das cartas analisadas

Ao longo das leituras que fizemos das nove cartas, deparamo-nos com algumas formas de abertura mais recorrentes do que outras, como: "Querida(s) Infanta(s)" (22,22%) e “Queridas amiguinhas” (22,22%); por sua vez, a forma de fechamento que mais se destacou foi a forma "Queridas raparigas", com cerca de 33,33%.

Nos nove textos, verificamos que existem muitas ocorrências iniciadas com “queridas”, tanto na forma de abertura – com uma percentagem de 66,66% – como na forma de fechamento – com cerca de 44,44%. Concluimos que a forma “queridas” é usada, preferencialmente, para anunciar o início ou o encerramento de um assunto. O mesmo acontece com o uso do diminutivo “amiguinhas” (usado como uma forma de atenuar o verdadeiro significado da palavra), ajudando a obter uma aproximação às suas leitoras. “Amiguinhas” é geralmente antecedido de “queridas”. Na forma de abertura, foi possível encontrar dois casos deste tipo (22,22%), enquanto que na forma de fechamento apenas encontramos uma ocorrência (11,11%).

O “vós”, neste caso, é usado “como pronome da 2.º pessoa do plural em situações comunicativas em que o falante se dirige a mais do que um interlocutor” (Segura, 2013: 130).

Nestas cartas, a autora tem vários destinatários e não tem qualquer hipótese de identificar todos os seus leitores nem mesmo de conhecer todos eles. O recurso a este pronome permite que a mesma se dirija ao seu público, parecendo ter uma relação individual com cada uma das suas leitoras. Assim transmite, também, confiança para que lhe escrevam e lhe confiem os seus problemas. Hoje, tal uso é menos recorrente, mas, como afirma Segura (2013: 130), “(...) não é de excluir a possibilidade de que ainda se mantenha em uso (...) na fala das gerações mais velhas como forma de tratamento de respeito”. Existe, de facto, uma quebra no seu uso, isto porque substitui-se o mesmo por outras formas pronominais, tais como “tu” ou “vocês”.

#### 4.1 - Marcadores discursivos e seus valores

Nesta secção, apresentaremos a nossa análise dos nove pequenos textos que temos vindo, ao longo deste estudo, a referir. No final dos quadros que se seguem, apresentaremos a nossa discussão acerca dos mesmos e o que eles podem revelar. Note-se que não analisamos todos os marcadores discursivos e seus valores, apenas referimos os principais e os que mais se faziam presentes nos textos.

Cartas		n.º49	n.º50	n.º51- 52	n.º54	n.º58
Valor de Causa			<b>Porque</b> se deita sempre tarde Tenho <b>visto</b> surgir muitas vezes		<b>Já que</b> no interesse pelas crianças	
Valor contrastivo	Concessivo	<b>Embora</b> nem todos o apreciem		Temos outras <b>porém</b> é preciso não esquecer		Infelizmente, <b>porém</b> , há lares tristes
	Apositivo	Uma amiga <b>já</b> velha; <b>Mas</b> desde <b>já</b> lhes peço que sejam sempre bem sinceras;	<b>Já</b> X6 casou e já lá não ia; <b>Mas</b> como tenho sempre convívio; <b>Mas</b> quando algum tempo depois	<b>Já</b> nem parecem as mesmas	<b>Já</b> que no interesse; <b>Mas</b> deixem-me dizer-lhes	<b>Mas</b> esta época alegre
Valor de condição		<b>Se</b> cito estes meus livros, escritos apenas para servir as raparigas; <b>Se</b> isso lhes der prazer <b>Se</b> isso me parecer interessante	<b>Mas se</b> não juntarem ao entusiasmo			<b>E se</b> à entrada do Ano Novo, nos propusermos a esse fim <b>E se</b> para isso, todas as épocas são boas

	Mas se tudo isso se tolera há uma coisa				
<b>Valor Aditivo</b>		Mas quando, algum tempo <b>depois...</b>		O neto pequenino, <b>depois</b> de ver maltratar o avô	A nossa alma <b>também</b> deve renascer para o bem
<b>Reformuladores</b>		(...) convívio com raparigas não me falta ocasião de ler nos espíritos das meninas, <b>em geral</b> <b>Ou melhor,</b> da deserção		<b>Ou</b> desdém que vos merecem	<b>Ou</b> pelo egoísmo
<b>Valor de finalidade</b>		Trabalha-se com <i>afan</i> <b>para</b> uma idéia	<b>Para</b> bom aproveitament o	Me encho de indulgência <b>para</b> te responder Resolvera fazer uma escudela de pau <b>para</b> o pai comer	<b>Esse fim,</b> a nossa própria felicidade
<b>Valor temporal</b>		Mas <b>quando,</b> algum tempo depois;	A maior alegria que trareis <b>quando</b> voltardes;	<b>Quando</b> eram novas <b>Quando</b> fosse já velhinho <b>Depois</b> de ver maltratar o avô	
<b>Valor comparativo</b>	É para me apresentar a vós todas <b>como</b> uma amiga (...) e que pretende ser considerada <b>como tal</b>	Mas quantas vezes, oh tristeza! <b>como</b> bolas de sabão, luminosas e êfemeras		Já que no interesse pelas crianças <b>como</b> no respeito pelos velhos, só pode haver benefício para adolescentes <b>como</b> vós.	Deixem que as vossas alegrias irradiem <b>como</b> luz quente e brilhante
<b>Valor conclusivo</b>	<b>Pois</b> eu detesto <b>Pois,</b> queridas raparigas <b>Se isso</b> me parecer de interesse <b>Se tu isso</b> se tolera <b>Se isso</b> lhes der prazer	<b>Assim</b> quero hoje falar-vos	<b>Assim,</b> a boa semente	E <b>por isso</b> me encho de indulgência <b>para</b> te responder	E se, <b>para isso</b> ser bem educada

QUADRO III. Marcadores discursivos e seus valores: cartas 49-58

Cartas		n.º59	n.º60	n.º62	n.º63-64
Valor de Causa				Pode vir na riqueza <b>como na</b> pobreza, na saúde como na doença	
Valor contrastivo	Concessivo	Infelizmente, <b>porém</b> , se de facto Infelizmente, <b>porém</b> , é um caso vulgaríssimo	<b>Apesar</b> da sua desgraça	<b>Apesar</b> da sua desgraça	<b>Apesar</b> dos óleos Ai, <b>porém</b> , discordo de você
	Apositivo		Tem razão, no que diz, <b>mas</b> não em absoluto <b>Mas</b> vive paralisada	<b>Mas</b> pelo interesse enorme <b>Mas</b> vive paralisada num tabuleiro	<b>Mas</b> qual sossego <b>Mas</b> vivam com simplicidade
Valor de condição		E <b>assim</b> se vai perdendo em Portugal	<b>Ora</b> se todos estes factos são desleais e de falta de atenção		
Valor Aditivo		<b>Também</b> lhes direi	E muito teria <b>ainda</b> a dizer sobre o assunto		E <b>depois</b> ... o não ter lições, não ter estudos <b>Por último</b> fartei-me de perder ao jogo (Depois) na praia ... <b>ainda</b> foi pior
Reformuladores		<b>ou</b> que emitem as suas opiniões com uma autoridade <b>ou</b> desprezam a boa educação! <b>Por exemplo, o facto</b> de se deixar uma carta sem resposta	<b>É evidente</b> que a minha correspondente tem, relativamente, razão no que diz	<b>E desta afirmação</b> posso dar-vos exemplos sem fim! <b>Isto que</b> parece uma contradição	obrigações temos sempre, seja tempo de férias <b>ou</b> não De outro ar, em todo o <b>caso</b> , diferente do das cidades e das vilas
Valor de finalidade		Se lhes faltar a bondade, a paciência <b>para</b> ouvir os mais velhos	Não é essencial, ser cristã <b>para</b> mostrar sentimentos	De aproveitar as horas, os dias, <b>para</b> se rodar de criancinhas Dar-vos exemplos <b>sem fim</b>	Vivam com simplicidade nessa época de repouso <b>para</b> o corpo e <b>para</b> a alma <b>No fim</b> dessas férias boas, que alegria
Valor temporal		E <b>assim</b> se vai perdendo <b>Dantes</b> , há muitos anos, havia um certo número de coisas	Quem chegou <b>antes delas</b>	<b>Quando</b> acabamos de os cumprir e bem Vive paralisada num tabuleiro <b>durante</b> os anos da sua juventude <b>Assim</b> , conheci uma rapariga	Depois, <b>durante</b> o dia

<b>Valor comparativo</b>			E morreu <b>como</b> santa <b>Como</b> a sua alma era excepcional e elevadíssima	Uma rapariga amiga, nova <b>como</b> vocês, e <b>como</b> vocês bem intencionada
<b>Valor conclusivo</b>		Basta <b>para isso</b> ser bem educada		Coitada de mim – <b>concluiu</b> – que tristes Dou-lhes, <b>pois</b> , um grande concelho

**QUADRO IV.** Marcadores discursivos e seus valores: cartas 59-64

Como se pode verificar nos quadros acima, todas as cartas possuem elementos linguísticos de valores diversos, desde o valor comparativo, ao valor temporal, conclusivo, etc. Ao longo da análise que efetuamos, reparamos que, relativamente, ao valor comparativo, embora esteja presente em seis dos nove textos, a palavra “como” é a única que é comum a todos eles. Apesar de existirem mais ocorrências, nenhuma delas veicula uma comparação com a palavra anterior e apercebemo-nos que, nas restantes três cartas, não se obteve qualquer tipo de marcador discursivo com valor de comparação.

Relativamente aos valores de adição, o que destacamos são os seguintes marcadores: o “depois”, o “também” e o “ainda”. O elemento linguístico “depois” é o responsável, nestes exemplos, por assinalar o facto de que algo é acrescentado ao que já fora dito/escrito, o que nos permite obter uma ligação entre os elementos anteriores e os elementos que serão fornecidos posteriormente. O mesmo acontece com o “também” e com o “ainda”. É importante não confundir os marcadores destacados acima com marcadores com valor temporal, embora também possam estar associados. Neste caso, o marcador mais frequente é o “quando”, que também se destaca como uma expressão que marca tempo, do tipo “há muitos anos”.

No caso do valor de condição, o uso do “mas se” com algumas variações, como “se” ou “e se”, destaca-se. O uso do marcador “mas”, que se encontra presente na maior parte dos exemplos retirados, pode ser facilmente confundido como tendo valor contrastivo apositivo, mas tudo depende da construção da frase e da sua sequência, bem como do significado intencional. O próprio nome contrastivo fornece uma pista sobre o que este género de marcador indica, sendo sempre um contraste presente em determinadas situações. Este contraste pode ser apositivo, com elementos frequentes como “já” e “mas”, ou concessivo, onde é usado o “porém” e o “apesar de”.

Nos textos que possuem valor de finalidade, destacamos o uso frequente do “para”. Nestes exemplos, realçamos as variações ou a substituição para evitar a repetição do mesmo

marcador. Assim, encontramos “esse fim”, que geralmente é antecedido de “sem” ou “no”. Nas frases maioritariamente de valor conclusivo, as variações de “para isso” podem ser antecidas de “por”, sendo este o mais frequente. Quanto aos exemplos do último valor, o causal, de entre todos os acima referidos e analisados, foi o único no qual foi possível verificar diferentes elementos com o mesmo valor: “porque”, “visto”, “já que” e “como na”.

Quanto aos reformuladores, eles servem para retificar alguma coisa dita ou escrita, destacando os marcadores discursivos que ordenam a informação, através de operadores discursivos que ajudam a reforçar ou a concretizar ideias. Nestes casos, chamamos a atenção do leitor, pois, em quase todos os valores estudados, podemos, por vezes, encontrar o uso de marcadores discursivos usados como reformuladores.

### 5 - *Considerações Finais*

A realização deste trabalho permitiu observar que, embora os textos sejam na sua verdadeira essência cartas familiares, possuem características próprias das cartas formais. Por essa mesma razão, ressalta uma série de características as tornam únicas e bastante interessantes para serem estudadas, tanto pelo seu tipo de escrita, cuidada e formal (mas ao mesmo tempo assertiva), como pelas ideias que se procura incutir nas jovens portuguesas, estabelecendo um modelo da mulher ideal dos anos 40, revelado pelas ordens que a autora dava, como se fossem pequenos conselhos. Estão presentes nos textos elementos comuns a todas as cartas, desde o uso de elementos com valores comparativos (“como”) às formas de abertura e de fechamento, que se revelaram idênticas.

As marcas recolhidas no *corpus* contribuem para a construção de um bom texto, sendo este coerente e coeso, devido aos elementos que permitem estabelecer uma ligação com outros. Sabendo que os valores estudados foram relevantes, seria interessante levar este género de estudo para o futuro, visto que os artigos da revista *Mocidade Portuguesa Feminina: Boletim Mensal* são material ainda pouco explorado.

Permanecem, no entanto, algumas questões que necessitam de ser trabalhadas futuramente, no que concerne às diferentes tradições discursivas em textos epistolares do português moderno. Uma das principais dificuldades foi encontrar valores de desejo nas cartas. Isso não foi possível, o que revela que nem todas possuem o cariz de repreensão ou de autoridade, transmitindo, por vezes, a sensação de que se trata de um desabafo, como se pôde verificar em alguns dos temas das cartas acima referidos.

## REFERÊNCIAS

- Barros, C. 2010. *Versões Portuguesas da Legislação de Afonso X. Estudo Linguístico-Discursivo*. Porto: UPorto Editorial.
- Carreira, M. H. A. 2014. Cortesia e proxémica: abordagem semântico-pragmática. In: Isabel Roboredo Seara (coord.) *Cortesia Olhares e (Re)invenções*. Lisboa: Chiado Editora, 27-47.
- Jucker, A. H. 1995. *Historical Pragmatics. Pragmatic Developments in the History of English*. Amsterdam: John Benjamins.
- Ribeiro, M. V. 2015. *Tradições Discursivas de Cartas Institucionais*. Tese de mestrado em Linguística. Porto: UPorto.
- Segura, L. 2013. Variedades dialetais do português europeu. In: Raposo, E. P.; Nascimento, M. B.; Mota, M. C.; Segura, L.; Mendes, A. *Gramática do Português*. Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 130.
- Silva, P. 2012. *Tipologias Textuais: Como Classificar Textos e Sequências*. Coimbra: Edições Almedina.

Dicionário Terminológico:

Disponível em: <http://dt.dge.mec.pt/> (consultado em 15-6-2017)

Hemeroteca Digital – Lisboa, Ficha Histórica:

Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/> (consultado em 20/07/2018)

## “EU TENHO ORGULHO (...)”: UMA ANÁLISE MULTIMODAL DO DEPOIMENTO DE LULA NA LAVA JATO

Viviane Costa<sup>1</sup>

vivimaia30@yahoo.com.br

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

**RESUMO.** Este estudo tem como objetivo analisar a relação entre gestos e fala no processo de construção da linha de conduta e da preservação da *face* em encontros sociais. Como *corpus*, foi utilizada a declaração final feita pelo ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, no âmbito da investigação Lava Jato. A nossa análise apoiou-se nos estudos sobre *face* e linha de conduta de Goffman (1955; 1964) e nos estudos sobre gestos de Kendon (1995; 1997; 2004; 2013) e Geneviève Calbris (2003).

**PALAVRAS-CHAVE.** Construção da Imagem, Multimodalidade na Interação Face a Face, Interação no Contexto Político, Interação no Contexto Forense.

**ABSTRACT.** The purpose of this paper is to analyze the relationship between gestures and speech in the process of face-to-face interaction. As a corpus, we used the final declaration made by the former president of Brazil, Luiz Inácio Lula da Silva, during the investigation called *Lava Jato*. Our analysis was based on Goffman's (1955, 1964) studies of face-to-face interaction, and Kendon (1995, 1997, 2013) and Geneviève Calbris's (2003) gestures studies.

**KEYWORDS.** Image Construction, Multimodality in Face-to-face Interaction, Interaction in Political Context, Interaction in Forensic Context.

### 1 - Introdução

Neste trabalho, apresenta-se uma análise das modalidades gestuais e verbais, assim como de ações corporais, aplicada ao discurso em contexto político, dando-se principal atenção ao modo como essas modalidades fornecem pistas de interpretação sobre a linha de conduta e a preservação da *face* em encontros sociais.

Para tal análise, foi escolhido o primeiro depoimento do ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, prestado durante a investigação denominada ‘Operação Lava Jato’. Deste discurso, foi selecionado um segmento correspondente à declaração final feita pelo

---

<sup>1</sup> Estudante de Doutorado do Curso de Ciências da Linguagem, variante Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

ex-presidente, em que este procura defender-se das acusações feitas pelo Ministério Público e reivindicar um valor social positivo para si mesmo. Essa declaração reforça o seu papel social de político e, ao mesmo tempo, busca construir uma imagem de vítima.

Antes de passarmos à análise, entretanto, trataremos alguns conceitos acerca da *face* e da linha de conduta, tendo como principal referência os estudos sobre interação face a face de Goffman (1955; 1956; 1964). Para a descrição da relação entre os gestos, ações corporais e a fala na produção do enunciado, apoiar-nos-emos em algumas obras da área de estudo do gesto, sobretudo em Kendon (1995; 1997; 2004; 2013) e em Calbris (2003). Segue-se a descrição do *corpus*, a análise propriamente dita e as considerações finais.

## 2 - Bases teóricas

### 2.1 - A interação face a face

Nos seus estudos, Goffman procura voltar a sua atenção para a situação social que, segundo ele, “emerge a qualquer momento em que dois ou mais indivíduos se encontram na presença imediata um do outro e dura até que a penúltima pessoa tenha se retirado” (Goffman 2002a: 17). O autor também afirma que, em tais situações, os participantes procuram orientar-se “na direção um do outro e se desviam daqueles que estão presentes na situação mas que não estão oficialmente no encontro” (Goffman 2002a: 18). Assim, podemos dizer, de uma maneira geral, que há dois tipos de participantes em encontros sociais: um que está presente não só fisicamente, mas que surge também comprometido com a interação e que tem, portanto, a sua atenção voltada para um ou mais participantes, e outro que, nas palavras de Goffman (2002a: 18), seria um mero participante descomprometido com os outros e sem foco distinto. Esses encontros sociais, no entanto, não acontecem de maneira arbitrária. Eles seguem certas regras de interação ou rituais, comportamentos apreendidos pelos falantes nativos no processo de aquisição das competências sociais, ou seja, na experiência de comunicar, através das modalidades corporais disponíveis (a voz, os gestos, movimentos da cabeça, olhar, postura e expressões faciais). Todos estes elementos são importantes para a transmissão e compreensão de mensagens, pois fornecem informações importantes para a interpretação das intenções comunicativas dos participantes num contexto de interação face a face (Gumperz 1982). É sabido, sem que seja necessário ler nenhum manual, que existem certas regras para começar ou terminar um encontro, assim como para entrar ou sair de determinadas situações, de maneira a que não sejam causados constrangimentos aos participantes. Consequentemente, também sabemos que a fala segue

uma organização, ou melhor, está estruturada em “turnos”<sup>2</sup>, um aspeto minuciosamente estudado por Sacks, Schegloff & Jefferson (1974) para o inglês americano.

“A fala é socialmente organizada, não apenas em termos de quem fala para quem em que língua, mas também como um pequeno sistema de ações face a face que são mutuamente ratificadas e ritualmente governadas, em suma, um encontro social.”

(Goffman 2002a: 19)

Assim, tendo em conta a adaptação constante entre falante e ouvinte(s) na interação face a face, entende-se esse tipo de evento comunicativo como um produto social, construído, simultaneamente, por todos os que nele participam. Em relação às ações face a face, Goffman (2011: 13) refere-se tanto aos atos verbais, bem como aos não verbais que são realizados pelos participantes. Por conseguinte, afirma que esses atos constituem a linha de conduta (ou ‘linha’) que o participante assume, conscientemente ou não, ao longo da interação. É através dessa linha que uma pessoa “expressa sua opinião sobre a situação, e através disto sua avaliação sobre os participantes, especialmente a própria” (Goffman 2011: 13). É também através da linha de conduta que uma pessoa reivindica um valor positivo para si mesmo, ou melhor, reivindica o que Goffman define por *face*.

“A fachada<sup>3</sup> é uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados – mesmo que essa imagem possa ser partilhada, como ocorre quando uma pessoa faz uma boa demonstração de sua profissão ou religião ao fazer uma boa demonstração de si mesmo.”

(Goffman 2011: 14)

Assim, tendo em conta estas definições de *face* e linha, podemos dizer que a imagem do ‘eu’ é construída e reivindicada através de atos verbais e não verbais realizados ao longo da interação. Para Maingueneau (2007: 12), “a ideia de que, ao falar, um locutor ativa nos seus destinatários uma certa representação de si mesmo, procurando controlá-la, é particularmente simples, é até trivial”. Todavia, Goffman (2002b: 16) chama atenção para o facto de que os atos verbais podem ser controlados e os não verbais nem sempre. A expressão emitida como gestos, suores, olhares, etc., pode acontecer de forma não intencional e, por conseguinte, dar sinais da legitimidade ou não do que está a ser falado. Este ponto de vista, que remete para a ligação intrínseca entre gestos e palavras ou ideias, foi intensivamente explorado a partir dos anos 90 na área dos estudos do gesto. Voltará, por isso, a ser tratado mais adiante, no parágrafo dedicado a esta área.

---

<sup>2</sup> Em português europeu tem sido usado o termo “vez” para referir “turno” e a expressão “alternância de vez” para designar a sequência de turnos produzidos pelos diversos participantes (Galhano-Rodrigues 1998).

<sup>3</sup> Utilizamos aqui a tradução realizada por Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Entretanto, ao longo do trabalho utilizaremos o termo ‘face’ com o mesmo sentido de ‘fachada’.

Situações em que as ações não verbais são incoerentes com a fala, ou vice-versa, podem causar constrangimentos tanto para o participante que tem a sua *face* comprometida, quanto para os demais, uma vez que “a *face* pessoal e a *face* dos outros são construtos da mesma ordem (...)” (Goffman 2011: 14). Assim, ao longo da interação, uma pessoa deve estar comprometida tanto com a sua *face*, como com a do outro. Isso implica que ela deve mostrar sentimentos para com a *face* do outro e, conseqüentemente, apoiar a *face* mantida por ele. Ao fazer isso, esperará que, em contrapartida, o outro também tenha consideração pela sua *face* e busque apoiar a linha assumida por ela.

“Assim como esperamos que um membro de qualquer grupo tenha respeito próprio, também esperamos que ele mantenha um padrão de consideração; esperamos que ele realize certos esforços para resguardar os sentimentos e a fachada dos outros presentes, e esperamos que ele faça isso voluntária e espontaneamente por causa de uma identificação emocional com os outros e com os sentimentos deles.”

(Goffman 2011: 205)

É claro que, em situações onde a *face* de um participante fica comprometida, os demais participantes poderiam tornar-se hostis e, conseqüentemente, a interação tornar-se-ia constrangedora ou até mesmo conflituosa. Cabe, então, ao participante buscar preservar ou reparar a sua própria *face*. Num estudo sobre o uso da linguagem em interação verbal, Garcez (2008: 27) afirma que, quando uma pessoa percebe que há ou pode haver dúvidas em relação ao que está a ser dito ou feito, ela procura explicar-se, prestar contas da sua conduta, pedir desculpas, etc. Garcez (2008: 27) ainda menciona que “tais ações revelam o caráter da análise que os participantes estão constantemente fazendo das suas próprias ações e das ações uns dos outros (...)”.

Para Goffman (2011: 22 e 26), há dois tipos básicos de preservação da *face*: o processo de evitação e o processo corretivo. No primeiro, o participante evita contactos que ameacem a sua *face*. Entretanto, caso o contacto seja inevitável, deverá evitar determinados assuntos ou tentar esconder certas atividades que comprometam a linha ali assumida. No segundo processo, a pessoa e/ou os demais participantes reconhecem o incidente e buscam corrigir os seus efeitos. Uma forma de correção é dizer que a expressão ameaçadora foi, na verdade, uma brincadeira, uma piada, que não teve a intenção presumida pelos outros participantes. Por conseguinte, o ofendido poderá aceitar, fingir que aceita tal correção ou, simplesmente, esbracejar e buscar a retaliação. Segundo Goffman (2011: 30), “fica claro que as emoções têm um papel nesses ciclos de respostas, como quando expressamos angústia pelo que alguém fez para a fachada de outra pessoa, ou fúria pelo que foi feito para nossa própria fachada”.

Em suma, pode dizer-se que a preservação da *face* se relaciona com a honra e o orgulho de um indivíduo. Por isso, tendo em conta tais sentimentos, alguns participantes apresentam atitudes consideradas imodestas ou arrogantes, procurando enaltecer qualidades pessoais e/ou profissionais que supõem ter.

## 2.2 - Gestos e sua relação com as palavras

Como observámos na secção anterior, os encontros sociais envolvem rituais que vão muito além da fala. Como já referi brevemente, há pistas extralinguísticas que podem e devem ser observadas, como certos gestos, movimento dos ombros, mudança de postura, desvio de olhar, ritmo da fala, entonação etc., que indicam a intenção, o estado emocional ou a ação subsequente de um participante aos demais. Ao entrar num encontro social, por exemplo, um participante pode cumprimentar os restantes elementos com um aceno de cabeça ou de mão, sem que seja necessário usar uma palavra. Esses simples gestos podem substituir o cumprimento verbal (“olá”, “oi”, etc.), sem causar danos à imagem do participante. Parecem, inclusive, mais fácil acenar sem nada dizer do que o contrário. Ao dizermos “olá”, movimentamos, quase de forma automática, alguma parte do nosso corpo, seja a mão que levanta em sinal de saudação ou as sobrancelhas que se movem para cima. A necessidade de comunicação do homem, ou também capacidade, extrapola o dizer. Usamos constantemente o nosso corpo para emitir ideias, sentimentos, sinalizar algo ao outro, etc.

Com isto, pretende evidenciar-se a forte ligação entre gestos e fala, como aliás tem sido comprovado na investigação desenvolvida na área dos estudos do gesto (Müller 2013: 1-6). Já nos anos 70, Kendon volta a sua atenção para o facto da fala e do gesto serem dois aspetos de um só processo subjacente à produção de enunciados (Kendon 2004: 76-78). Este entendimento sobre a natureza da língua tem vindo a ser comprovado em vários tipos de abordagem, como por exemplo nas perspetivas psicolinguística e cognitiva por McNeill (1992) e Goldin-Meadow (2003). Este ponto de vista tem também vindo a ser sustentado em diversos estudos sobre a forma como os gestos se relacionam com as palavras do discurso. Embora desde a Antiguidade Clássica tenham sido feitos estudos esporádicos sobre gestos (Kendon 2004: 17-61), foi a partir do século XX que os estudos sobre o gesto proliferaram. Há décadas em que têm sido apresentadas diversas classificações do mesmo, como as de Ekman & Frisen (1969), McNeill (1992) e Kendon (2004; 2013). Há gestos que podem substituir facilmente as palavras, como, por exemplo, o aceno de mão. Isso deve-se ao facto de que alguns gestos estão fortemente convencionalizados em determinadas sociedades e, portanto, são facilmente interpretados pelos seus membros. Outros gestos só podem ser

interpretados na sua relação com a fala. Estes são chamados de coverbais, pois, por si só, não conseguem transmitir a mensagem. Kendon apresenta a ideia de um contínuo para explicar a possibilidade de um gesto poder ser interpretado com ou sem a presença da fala, uma ideia que McNeill desenvolve através do conceito *Kendon's continuum* (McNeill 1992: 37).



**FIGURA 1.** Kendon's continuum (McNeill 1992: 37).

Os gestos coverbais relacionam-se também de forma diferente com as palavras correferentes ou com as partes do discurso. Kendon prefere não sugerir uma “classificação”, mas sim interpretações das diferentes formas de como os gestos se relacionam com as palavras dos enunciados que integram. Assim, dividimo-los em dois grandes grupos: os referenciais e os pragmáticos. Do primeiro, fazem parte os gestos emblemáticos, descritivos e deíticos (ou de apontar); do segundo, os gestos que operam, sobretudo, a nível da estruturação do enunciado ou da articulação entre as ideias.

Os gestos emblemáticos são os que apresentam um significado específico e que estão convencionalizados numa dada sociedade como mencionámos acima; os descritivos podem ser utilizados para descrever objetos, pessoas, espaços e ações, por exemplo; e os deíticos são os gestos utilizados para fazer uma referência espacial, temporal ou pessoal. Note-se que os elementos deíticos nem sempre orientam a atenção do ouvinte para elementos físicos, existentes no mundo real. Eles também podem apontar para elementos imaginários de um mundo fictício, assim como elementos referidos no discurso, como lembra Galhano-Rodrigues (2012: 140). Resumindo, não interessa só a configuração do gesto, mas o que esse gesto representa na construção do enunciado, num determinado contexto. Por essa razão, Goffman (2002a) chama atenção para o facto de que não se pode analisar a fala e os gestos produzidos por um falante, sem ter em conta o cenário físico em que ele se encontra. Segundo o autor, “(...) não se pode descrever completamente um gesto sem fazer referência ao ambiente extracorpóreo no qual ele ocorre” (2002a: 16).

Além dos gestos coverbais, foram descritos os adaptadores (Ekman & Friesen 1969) que não participam na construção do enunciado. São voltados para objetos ou partes do corpo, como, por exemplo, coçar o nariz, arranjar a roupa ou mexer numa caneta. Em geral, eles são desempenhados de forma inconsciente e independente da fala, e refletem apenas algum desconforto ou alguma dor que o locutor possa ter. Entretanto, acreditamos que

alguns desses gestos são produzidos de maneira estratégica. Muitas vezes, para ganhar tempo e estruturar o pensamento, o locutor “dedica” certo tempo a um determinado objeto ou finge olhar algo importante no telefone. Retomando a ideia de Goffman, que vimos na secção anterior, sobre ‘evitação’, diríamos que esses gestos podem ser usados como subterfúgios pelo locutor para escapar a determinados assuntos ou a certas situações que poderiam comprometer a sua *face* e/ou a dos outros. Assim, acreditamos que os adaptadores - como coçar a cabeça ou o nariz, soltar um riso nervoso ou olhar para o chão - podem ser executados de forma espontânea como comportamentos desviantes, ou *biombos*, como refere Goffman (2011: 99-100), com a intenção de ocultar estados emocionais que não se pretende mostrar.

### 2.3 - Unidades de análise prosódica e sinais conversacionais

Como vimos, além dos gestos, há outros elementos importantes para a transmissão e compreensão das mensagens. Na interação, uma pausa ou silêncio pode conter muito mais significado do que as palavras do enunciado. Uma pausa que revela hesitação pode representar, por exemplo, o constrangimento do locutor relativamente a um determinado assunto ou, tendo em conta os estudos goffmanianos, uma estratégia de evitação para resguardar a própria *face* ou a do outro.

A prosódia do discurso, por sua vez, também exerce um papel importante na interação. É através das variações dos parâmetros prosódicos a nível auditivo – altura de tom, quantidade, intensidade e timbre da voz – que um falante assinala conexões temáticas, focaliza as partes mais importantes do discurso e desfoca as menos importantes, gere a alternância de turnos e cria o ritmo na fala. Ou seja, a prosódia (assim como os gestos) é importante para influenciar os ouvintes na interpretação da mensagem do falante de acordo com as suas intenções (Galhano-Rodrigues 2007: 171). É do senso comum que o falar devagar e pausado transmite tranquilidade e segurança acerca do que está a ser dito. Por outro lado, o discurso proferido num ritmo mais acelerado é considerado, de uma maneira geral, sinónimo de nervosismo ou de insegurança. De acordo com Goffman (2011: 78), o indivíduo que tem um porte entendido como “bom” e adequado deve apresentar, ao longo da interação, certas características como discrição e sinceridade, controlo da fala e dos movimentos corporais, ou seja, deve evitar manifestar as suas emoções, sobretudo em contextos que o colocam sob maior tensão. Logo, o alvoroço ou a falta de autocontrolo podem ser considerados negativos e inapropriados para a interação social. Por outro lado, o alvoroço também pode ser utilizado como uma estratégia para tirar o foco do que está a ser dito, uma vez que os restantes participantes podem acabar por focar-se nas ações alvoroçadas

do locutor e, por conseguinte, não prestar atenção ao discurso propriamente dito. Além disso, movimentos exagerados e teatralizados (melodramáticos) podem ser utilizados para voltar o foco para si e/ou persuadir os ouvintes, dando ao discurso uma carga emotiva maior.

Ainda sobre os elementos rítmicos, como já referi, podem ser utilizados como forma de organizar a fala ou os “turnos” da fala. No jogo da interação, podemos observar que os locutores utilizam certas estratégias para ceder ou reivindicar a vez. Levinson (2007: 381) menciona que, quando há sobreposição de fala, o falante que “sobe em grau” acaba por ganhar o direito à palavra. Para o autor, “subir em grau” corresponde a traços como amplitude aumentada, ritmo desacelerado, vogais alongadas, entre outros.

Outro traço interessante na organização da fala é o olhar. Argyle & Kendon (1967: 74) mencionam que uma interação é, frequentemente, iniciada por um período de contacto visual entre os participantes, o que pode ser interpretado como um sinal de que estão prontos para interagir. Além disso, Argyle & Dean (1965: 291) afirmam que as pessoas tendem a manter o “olhar distante” ou, poderíamos dizer, desfocado, quando começam a falar ou quando estão a pensar no que está a ser dito ou no que será dito. Ao mesmo tempo, o locutor pode desviar o olhar do(s) ouvinte(s) com a intenção de dizer que não cederá a vez. É como se o locutor entrasse num monólogo e colocasse os demais participantes no papel de plateia, cuja participação seria imprudente ou inadequada.

### *3 - Descrição do corpus e unidades de análise*

Na nossa análise, teremos em conta não apenas o discurso proferido, mas também os gestos, as posturas, ações corporais, ritmo da fala e pausas, realizados pelo locutor ao longo da interação.

Para análise, como mencionámos na introdução, foi selecionado o primeiro depoimento do ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, prestado em 2017 durante a investigação denominada ‘Operação Lava Jato’. Na época, a Justiça Federal do Paraná intimou o ex-presidente a prestar depoimento sobre a denúncia da recepção de propina através da compra de um triplex, localizado no litoral do Estado de São Paulo. A operação ainda está em andamento, uma vez que é constituída por muitos processos e envolve inúmeros políticos, empresários e pessoas relacionadas com eles.

Entretanto, a investigação referente ao caso do triplex já foi encerrada e acabou por condenar o ex-presidente à prisão. Essa foi a primeira vez que um ex-presidente da república foi julgado e condenado por corrupção no Brasil. Por conseguinte, a condenação gerou comoção e muita polémica entre a população que se mostrou dividida. Assim, a nosso ver,

analisar os depoimentos do ex-presidente torna-se relevante para uma melhor compreensão da situação política pela qual o Brasil está a passar.

### 3.1 - Corpus e as unidades de análise

Por conta da dimensão da ‘Lava Jato’ e por se tratar do julgamento de uma das maiores figuras políticas do Brasil, o depoimento do ex-presidente foi largamente divulgado na *internet*, assim como os nomes de todos os seus participantes. Diante disso, não sentimos necessidade de ocultar qualquer nome ou trecho do depoimento neste trabalho. Como o mesmo durou quase cinco horas, decidimos utilizar apenas a parte em que o ex-presidente faz as suas declarações finais de “forma livre”, isto é, sem estar condicionado por perguntas. Entretanto, como essa parte também é longa (quase 20 minutos), procedemos a um novo recorte. Seleccionámos, então, alguns enunciados verbais que julgámos importantes na construção da linha de conduta e na preservação da *face* do locutor. Aliás, na nossa análise, chamaremos de ‘locutor’ ao sujeito principal do depoimento, o ex-presidente Lula. Os demais participantes não serão analisados, ainda que possam ser mencionados para facilitar a compreensão da fala ou do gesto do locutor.

O vídeo utilizado neste estudo foi recolhido do site YouTube<sup>4</sup> e encontra-se em domínio público. Nesse site, é possível encontrar muitos vídeos referentes ao mesmo depoimento. Entretanto, optámos por um em que o ex-presidente estivesse voltado para a câmara, para que pudéssemos observar os seus movimentos corporais e as suas expressões faciais. Tais observações foram feitas através do software Elan, versão 5.1, que permite tirar anotações em vídeos e áudios. O software pertence ao ‘Max Planck Institute for Psycholinguistics’ e está disponível para livre download no site<sup>5</sup> do instituto.

Para a denominação dos gestos, apoiar-nos-emos nos estudos de McNeill (1992) e Geneviève Calbris (2003). Dado que nossa análise gira em torno de uma figura política, utilizaremos, como principal referência, as configurações e denominações apresentadas por Calbris (2003: 29) num estudo sobre a expressão gestual do pensamento de um homem político.

---

<sup>4</sup> <https://www.youtube.com/>

<sup>5</sup> <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>

### 3.2 - *A Operação Lava Jato*

De forma bastante resumida, buscaremos apresentar aqui algumas informações sobre a ‘Operação Lava Jato’, que é considerada a maior investigação sobre corrupção e lavagem de dinheiro no Brasil.

Segundo dados do site do Ministério Público Federal do Brasil<sup>6</sup> (MPF), a operação teve início em março de 2014, na Justiça Federal de Curitiba, quando foram investigadas e processadas quatro organizações criminosas lideradas por doleiros. Em seguida, o MPF recolheu provas de um esquema de corrupção que envolvia a maior empresa brasileira de petróleo, a Petrobras. Esse esquema consistia em pagamentos de propina, realizados por empreiteiras, a altos executivos da Petrobras, assim como a outros agentes públicos. Essas empreiteiras superfaturavam contratos bilionários que mantinham com a empresa de petróleo e, em contrapartida, pagavam propinas que variavam de 1% a 5% do valor total desses contratos.

Até ao dia 15 de outubro de 2018, na Justiça do Paraná, que tem como capital a cidade de Curitiba, foram instaurados 2.476 processos relativos a essa operação e foram feitas 82 acusações criminais contra 347 pessoas.

### 4 - *Análise do depoimento*

Achámos pertinente começar esta análise pela perspetiva goffmaniana acerca de uma situação social. Como vimos na secção 2.1., Goffman (2002a: 18) menciona que todo o participante, comprometido com a interação, tem a sua atenção voltada para um ou mais participantes e, por conseguinte, acaba por desviar-se daqueles que não estão oficialmente no encontro.

No depoimento em análise, observámos que a cadeira do réu, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, está posicionada de frente para o juiz federal Sergio Moro, que é o responsável pelos processos da ‘Operação Lava Jato’ em Curitiba. Essa disposição de lugares é comum no âmbito jurídico. Entretanto, queremos chamar atenção para o facto de que ela corrobora a definição goffmaniana que vimos acima. Essa disposição faz com que o réu tenha a sua atenção voltada para o juiz e se desvie dos demais participantes (Figura 2). Além disso, fornece pistas sobre os principais atores sociais desse tipo de interação, isto é, o réu e o juiz.

---

<sup>6</sup> Endereço eletrónico: <http://www.mpf.mp.br/para-o-cidadao/caso-lava-jato/entenda-o-caso>  
Acessado em: 14 de janeiro de 2018.



**FIGURA 2.** O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva posiciona-se de frente para o juiz.

No trecho em análise, o juiz Sergio Moro pergunta ao ex-presidente se ele gostaria de fazer uma declaração final. Lula diz que sim (“Eu gostaria, doutor.”) e, em seguida, usa a vez cedida pelo juiz para se defender das acusações sofridas e reivindicar uma imagem positiva de si mesmo. Observámos que ele assume uma *face* de vítima, logo no início do seu discurso, quando diz: “Bem, primeiro eu gostaria de dizer que eu ‘tô’ sendo vítima da maior caçada jurídica que um presidente ou que um político brasileiro já teve”. Ao dizer “caçada”, observámos que ele bate suavemente na mesa, com a palma da mão esquerda aberta e voltada para baixo (Figura 3). Depois, ao dizer “jurídica”, levanta a mesma mão, porém com o indicador estendido para cima (Figura 4).



**FIGURA 3.** Gesto do ex-presidente no momento em que diz “caçada”.

Tendo em conta o estudo de Calbris (2003: 108), denominaremos de “Main à plat” o gesto feito por Lula ao dizer “caçada”. Para a referida autora, esse gesto está relacionado com o real, o concreto e o que está claro. Assim, podemos interpretar o gesto do locutor

como uma forma de reforçar que a “caçada” é real, um dado adquirido, e não algo inventado ou fictício. Em seguida, ao levantar o indicador esquerdo em sincronia com a palavra “jurídica”, procura chamar a atenção do ouvinte para a natureza da “caçada”. De forma hipotética, poderíamos dar a esse gesto a seguinte legenda: “Atenção! Não se trata de uma caçada qualquer, mas sim jurídica”.



**FIGURA 4.** Gesto do ex-presidente no momento em que diz “jurídica”, referindo-se à “caçada”

Tendo em conta que o locutor se encontra num contexto jurídico, esse enunciado ganha mais força ilocucionária. O locutor insinua que o seu ouvinte é, na verdade, o seu caçador. Com isso, inverte os papéis identitários. O acusado passa a ser vítima e o homem que representa a justiça transforma-se no caçador, isto é, numa personagem que tem uma conotação negativa para a *doxa*. Ao mesmo tempo, o ex-presidente já dá pistas de que não pretende fazer esforços com o intuito de preservar a *face* do juiz e dos restantes membros do Ministério Público Federal.

Antes de terminar o enunciado, o ex-presidente volta a repetir o mesmo gesto de apontar. Este é feito no momento em que Lula diz “que um político brasileiro já teve”. Isto é, o locutor não aponta para algo concreto, mas visa dar foco a um referente abstrato (“político brasileiro”). Percebemos aqui uma polarização entre a imagem de vítima e a de político, que, para a consciência coletiva, são contraditórias. O facto do ex-presidente chamar atenção para esse trecho pode ser interpretado como uma forma de reivindicar o seu papel social.

Também observámos que o ex-presidente procura mostrar-se calmo no início do seu discurso. Fala devagar, faz inúmeras pausas e, numa boa parte do tempo, mantém as mãos cruzadas na frente do corpo (Figura 5). Podemos dizer que preserva um porte adequado à interação que se dá num contexto forense, mais formal.



**FIGURA 5.** O ex-presidente no início da declaração.

Entretanto, a partir do momento em que foi interrompido pelo juiz Sergio Moro, observámos algumas alterações no seu comportamento. Durante a interrupção feita pelo juiz, o ex-presidente movimentou o corpo para a frente e puxou o microfone para si (Figura 6). Depois, apelou à paciência do juiz (“Espero que o senhor tenha paciência. Espero que tenha paciência, doutor.”). Ao pedir “paciência”, o locutor acaba afastando-se do tópico da conversa e desvia a atenção dos interlocutores. Também o movimento que executa pode ser interpretado como uma forma de mostrar ao outro participante que não está disposto a ouvi-lo e, ao mesmo tempo, reforça a ideia de que não vai ceder a vez.



**FIGURA 6.** O ex-presidente puxa o microfone para si.

Assim, podemos interpretar o referido enunciado como uma estratégia de desfocagem e, por conseguinte, como uma forma de retomar o direito à palavra. Além disso, a partir desse momento, observámos alterações no ritmo da fala, na altura de tom e na

intensidade. Consequentemente, os seus movimentos corporais tornaram-se mais frequentes e, em alguns momentos, exagerados, como veremos mais adiante.

Em seguida, Lula afirma que está a ser julgado por um “PowerPoint mentiroso” que é “ilação pura”. Ao proferir este depoimento, faz o gesto denominado de “rond” por Calbris (2003: 29), em que o polegar e o indicador tocam um no outro formando um anel. Esse gesto está relacionado, de forma metafórica, com a ideia de ‘precisão’. Entretanto, Kendon (1995: 268) menciona que o mesmo pode estar associado a diferentes usos como: “a segment of speech that provides precise information, makes a specific reference to something, makes something specific in contrast to other possibilities or in contrast to something more general, or which gives a specific example of something”.

No caso em análise, acreditamos que o gesto feito pelo ex-presidente se dirige a um PowerPoint específico, parte integrante do conhecimento partilhado, usado como prova contra ele, e que, na sua opinião, nada mais é do que uma ilação.



**FIGURA 7.** Gesto denominado “rond” por Calbris (2003: 29).

Em relação à linha de conduta assumida pelo ex-presidente, observámos que, em vários momentos, faz algumas referências ao seu governo e reivindica um reconhecimento por aquilo que fez. Vale destacar a seguinte passagem: “Eu tenho orgulho de ter feito a Petrobras ser a empresa extraordinária que foi. Eu tenho orgulho da Petrobras deixar de ter 3 bilhões de investimento por ano para chegar a 30 bilhões.”. Observámos que o ex-presidente afirma “eu tenho orgulho” duas vezes, e, entretanto, os gestos que acompanham os enunciados são muito distintos.



**FIGURA 8.** O ex-presidente diz ter orgulho da Petrobras.

Como podemos ver na figura 8, na primeira vez, faz o gesto de apontar, com as duas mãos voltadas para si, numa clara referência a si mesmo, ao “eu”. Calbris (2003: 61) chama a este tipo de gesto “auto-centration” e afirma que “La communication passe de l'orateur au public lorsque la voix et le corps lui-même deviennent acteurs du discours.”. Também é curioso observar que o locutor faz o referido gesto voltado para o público geral, como que apelando diretamente à sua compreensão e empatia. O auditório deixa, assim, de se sentir como um ouvinte passivo, passando a ser um elemento ativo na construção de uma opinião, que Lula pensa ser importante para a decisão final do juiz.



**FIGURA 9.** O ex-presidente diz ter orgulho da Petrobras pela segunda vez.

Já na segunda vez que o locutor diz “eu tenho orgulho”, estende o indicador da mão esquerda para cima e o indicador direito na direção do juiz de forma quase que simultânea (Figura 9). Esses gestos são interpretados, a nosso ver, como uma forma de se dirigir agora diretamente ao juiz, chamando a sua atenção para o sentimento de orgulho que ele não deixou de ter, mesmo sendo acusado de corrupção. É como se o locutor dissesse: “Presta atenção, doutor. Eu estou dizendo que tenho orgulho”. Estas ações corroboram ainda a ideia apresentada na secção 2.1 de que a preservação da *face* está relacionada com a honra e o orgulho de um indivíduo. Ao enaltecer a Petrobras (“Eu tenho orgulho de ter feito a Petrobras ser a empresa extraordinária que foi.”), o ex-presidente está, na verdade, a enaltecer o seu governo e as qualidades profissionais que ele acredita ter, e, ao mesmo tempo, a reivindicar uma *face* positiva para si mesmo. Afirma ainda, numa outra passagem, que o seu erro foi provar que o Brasil pode dar certo. Além disso, mais adiante, confessa que esperava mais respeito, uma vez que “deu a esse país a dignidade que ele não tinha há muito tempo atrás”.

Todas estas suas ações, de diversas modalidades, parecem remeter para a ideia de que se está perante uma vítima. Como vimos no início desta secção, o locutor começa o seu discurso apresentando-se como “vítima de uma caçada jurídica”. Num outro trecho, diz que está a ser perseguido e afirma que “o processo de perseguição é imperdoável”. Observámos que, ao produzir este enunciado (Figura 10), o locutor faz o gesto emblemático “joined hands” ou “praying hands”, que Kendon (1995: 259) classifica como uma forma de pedir algo ou fazer um apelo ao ouvinte. Esse gesto acrescenta significado ao que é expresso por palavras: enquanto afirma que o processo é imperdoável, está a exhibir uma postura típica de pedir perdão. Neste caso, poderá ser interpretado como expressão do sentimento de

desespero causado pelo que o locutor considera de “falta de justiça”, a ponto de pedir aos ouvintes que essa acusação lhe seja retirada.



**FIGURA 10.** Gesto emblemático “joined hands” ou “praying hands”.

Num outro trecho do vídeo, o ex-presidente pede o fim das ilações e, seguidamente, questiona acerca da natureza do crime que cometeu (“Então o que eu quero é que se pare com ilações e que me diga qual é o crime que eu cometi”). Ao dizer “qual é o crime que eu cometi”, o ex-presidente pega num livro que está sobre a mesa e sacode-o na direção do ouvinte (Figura 11). Podemos dizer que o objeto em questão representa as informações que estão escritas sobre o locutor ou o local onde o “crime” poderia ser ou não encontrado.



**FIGURA 11.** Movimento feito pelo ex-presidente no momento em que diz “qual é o crime que eu cometi”.

Também podemos interpretar esse movimento como uma maneira de mostrar indignação diante das acusações que comprometem a sua *face* e a sua linha de conduta. Nesse

momento do interrogatório, fica claro que o locutor perdeu a “tranquilidade” que visava transmitir no início. Agora, ele apresenta ações alvoroçadas e não consegue esconder mais os seus sentimentos de indignação ou raiva perante a desvalorização da sua *face*. Como citámos na secção 2, Goffman (2011: 30) afirma que as emoções têm um papel claro no ciclo de respostas, “como quando expressamos angústia pelo que alguém fez para a fachada de outra pessoa, ou fúria pelo que foi feito para nossa própria fachada”.

Segue-se um trecho em que o ex-presidente pede que seja apresentada uma prova: “Pelo amor de Deus, apresentem uma prova.”. Ao dizer “pelo amor de Deus”, observamos que junta as duas mãos na frente do corpo, com as palmas abertas voltadas para si (Figura 12). Parece-nos que esse gesto resulta da combinação de outros dois: “praying hands” e “purse hand” (Kendon 1995) ou “pyramide” (Calbris 2003). Sendo assim, este poderia ser interpretado como uma súplica ou, ainda, como uma pergunta. Entretanto, nesse contexto em que o locutor traz para o seu discurso a figura de Deus, acreditamos que a melhor interpretação seja mesmo a de súplica. Esse gesto reforça o valor ilocucionário do enunciado, acrescentando-lhe uma maior carga emotiva, uma vez que a forma de súplica poderá ter, sobre o(s) ouvinte(s), um maior impacto do que as palavras.



**FIGURA 12.** Gesto feito pelo ex-presidente ao dizer “pelo amor de Deus”.

Por fim, cabe mencionar que alguns dos gestos desempenhados, com certa insistência, pelo locutor, como os apresentados nas figuras 8 e 11, podem ser considerados mais exagerados ou até mesmo teatralizados. Como mencionámos na parte teórica, esta questão pode ser vista como uma estratégia para voltar a atenção para si e, ao mesmo tempo, persuadir o(s) ouvinte(s). Ao expor os seus sentimentos, podemos dizer que o locutor também está a expor a sua *face* e, desta maneira, pode conseguir a empatia dos outros

participantes, fazendo com que eles tenham consideração pela sua *face*, já que “a *face* pessoal e a *face* dos outros são construídos da mesma ordem (...)” (Goffman 2011: 14).

### 5 - Considerações finais

Neste estudo, buscamos analisar a relação entre gestos e fala no processo de construção da linha de conduta e da preservação da *face* em encontros sociais.

Para tal análise, extraímos alguns trechos da declaração final do ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, realizada no final do primeiro depoimento por ele prestado no âmbito da investigação ‘Lava Jato’.

Durante a nossa análise, pudemos comprovar algumas das relações existentes entre gestos e fala. Ao mesmo tempo, percebemos que essa relação tem um papel importante na construção da imagem do ‘eu’ e na preservação da *face* e da linha de conduta dos participantes. Tendo em conta a natureza do encontro social analisado, notamos também o uso de certas estratégias para persuadir o alocutário.

Obviamente que não conseguimos esgotar todas as possibilidades que um estudo multimodal comporta, pelo que, por conta do tamanho deste trabalho, a nossa análise ficou restrita a apenas alguns gestos, ações corporais e trechos do discurso. Observamos, no entanto, que traços como a orientação do olhar e o ritmo têm um papel muito importante na produção de alguns enunciados e, nesse sentido, deveriam ser mais explorados em estudos futuros.

Por fim, esperamos que este trabalho tenha conseguido mostrar, ainda que de forma muito incipiente, a importância da análise multimodal da interação face a face em contextos políticos e forenses, sobretudo nestes últimos, em que, geralmente, são apenas tidos em conta os discursos proferidos pelos participantes e a impressão subjetiva que estes provocam nos ouvintes. A aplicação intensiva dos conhecimentos adquiridos nas diversas abordagens da investigação, desenvolvida na área dos estudos do gesto e da análise da conversação/discurso, é essencial para uma interpretação do discurso/interação com maior objetividade.

### REFERÊNCIAS

- Argyle, M.; Dean, J. 1965. Eye-Contact, Distance and Affiliation. *Sociometry*, 28(3), 289-304.
- Argyle, M.; Kendon, A. 1967. The Experimental Analysis of Social Performance. *Advances in Experimental Social Psychology*, 3, 55-98.
- Bühler, K. 1965. *Sprachtheorie*. Stuttgart: G. Fischer Verlag.
- Calbris, G. 2003. *L'expression gestuelle de la pensée d'un homme politique*. Paris: CNRS Communication.

- Ekman, P.; Friesen, W. 1969. The Repertoire or Nonverbal Behavior: Categories, Origins, Usage and Coding. *Semiotica*, 49-98. Fonte: <https://doi.org/10.1515/semi.1969.1.1.49>
- Galhano-Rodrigues, I. 1998. *Sinais conversacionais de alternância de vez*. Porto: Granito.
- Galhano-Rodrigues, I. 2007. *Algumas notas sobre técnicas de análise da comunicação verbal e não-verbal na interação face a face*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- Galhano-Rodrigues, I. 2012. “Vou buscar ali, ali acima!”: A multimodalidade da deixis no português europeu. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 7, 129-164.
- Garcez, P. M. 2008. A perspectiva da análise da conversa etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In L. L. Loder & N. M. Jung (Eds.), *Fala-em-interação-social: Introdução à análise da conversa etnometodológica*. Campinas: Mercado De Letras, 17-38.
- Goffman, E. 2002a. A situação negligenciada. In B. T. Ribeiro & P. M. Garcez (Eds.), *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, 13-20.
- Goffman, E. 2002b. *Representação do eu na vida cotidiana*. (M. C. Raposo, Trad.) Petrópolis: Vozes.
- Goffman, E. 2011. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. (F. R. Silva, Trad.) Petrópolis: Vozes.
- Goldin-Meadow, S. 2003. *The resilience of language: what gesture creation in deaf children can tell us about how all children learn language*. New York: Psychology Press.
- Gumperz, J. 1982. *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kendon, A. 1995. Gestures as illocutionary and discourse structure markers in Southern Italian. *Journal of Pragmatics*, 23(3), 247-279.
- Kendon, A. 1997. Gesture. *Annual Review of Anthropology*, 26, 109-128.
- Kendon, A. 2004. *Gesture: Visible Action as Utterance*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Levinson, S. 2007. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes.
- Mangueneau, D. 2007. A propósito do ethos. In A. Motta & L. Salgado (Eds.), *Ethos discursivo* (2 ed.). São Paulo: Contexto, 11-30.
- McNeill, D. 1992. *Hand and mind: What gestures reveal about thought*. Chicago: Chicago University Press.
- Müller, C. 2013. Introduction. In C. Müller, A. Cienki, E. Fricke, S. Ladewig & D. McNeill (Eds.), *Body - Language - Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 1-6.
- Sacks, H.; Schegloff, E.; Jefferson, G. 1974. A Simplest Systematics for the Organization. *Language*, 50(4), 696-735.